

#### 4.

### Desafios *ad intra* para a pastoral evangelizadora da Igreja diante dos desafios atuais

A proposta deste capítulo é interpelar o pensamento de Orlando Costas em conexão com a realidade atual, e os possíveis interlocutores, no que tange a ação querigmática da Igreja. Os elementos abordados até o presente momento servirão de nexos com a contemporaneidade, numa busca de atualização do serviço evangelizador cristão orientado para o interior da própria Igreja.

Como sustentamos desde o início desta pesquisa, a evangelização é parte fundamental da missão cristã e, por isso, não pode se realizar sem uma reflexão teológica consistente e um engajamento pessoal e coletivo integral.

Sendo parte da missão, a evangelização focaliza os sujeitos individualmente constituídos e historicamente situados. Seja nas identidades pessoais ou na teia das relações humanas interpessoais e estruturais, o Espírito reprime a força destruidora do pecado e semeia a energia construtiva da graça e do amor trinitário.<sup>331</sup>

E esta experiência de comunhão intratrinitária, que reproduz a vida e ação própria de Deus, extrai a pessoa humana do individualismo solitário e da coletividade despersonalizada inserindo-a em uma comunidade de fé, de amor e de serviço. Esta comunidade, como afirmamos no primeiro capítulo, é o povo missionário de Deus, chamado e enviado para proclamar e servir, anunciando e manifestando este reinado de amor e graça a todos os homens e mulheres.<sup>332</sup>

---

<sup>331</sup> Vale ressaltar que, à luz da *missio Dei*, a Igreja deve ser a mediadora da missão de Deus e uma chave para interpretar a sua ação entre os homens, mas concordamos com Lesslie Newbiggin ao afirmar que “isso não significa que a ação de Deus no mundo deva sem mais ser identificada com os progressos da Igreja na missão” (Cf. NEWBIGGIN, L. **A Igreja Missionária no Mundo Moderno**. São Paulo: Paulinas, 1969, p. 47).

<sup>332</sup> Apesar de já termos explorado esta questão no primeiro capítulo, vale ressaltar mais uma vez que embora a igreja não seja o reino de Deus, como comunidade do povo de Deus ela contém ou reflete a presença do reino. Deste modo, não apenas proclama o reino de Deus, mas deve sustentar em sua própria existência a presença deste (Cf. VELLANIKAL, M. *The biblical theology of*

Diante disso, nossa proposta é analisar as contribuições do serviço evangelizador focalizando o fortalecimento da própria comunidade querigmática.

Uma evangelização que nasce de uma teologia contextual e integral nos ajuda a ir além de uma mensagem que não exige nada a respeito de justiça e reconciliação. Este evangelho “barato”, nas palavras de Costas, apresenta

um Jesus que acalma a consciência, com uma cruz não escandalizante, um reino espiritual, um espírito privado, limitado e introvertido, um Deus de bolso, uma Bíblia espiritualizada e uma igreja escapista. O seu objetivo é uma vida feliz, confortável e bem sucedida, obtida através do perdão de uma falta de pecado abstrata pela fé em um Cristo desistoricizado.<sup>333</sup>

Como defendemos nesta tese, Orlando Costas trabalha a evangelização não no eixo eclesiológico, tendo a Igreja como valor fontal, mas no eixo trinitário, que oferece um importante indicativo: o fato de que a Igreja, entendida teologicamente, não é nenhum acidente histórico e nenhum produto humano, mas, sim, expressão da vontade do Deus trinitário e fruto da sua obra.<sup>334</sup>

Deste indicativo se desprende o imperativo que configura a ação querigmática da Igreja, de anunciar a mensagem reconciliadora e libertadora do Deus trinitário para os que estão dentro e fora de seus arraiais.

#### 4.1.

#### A Evangelização e o Crescimento da Igreja

A questão teológica que nos inspira nesta seção não é simplesmente se Deus necessita ou não da Igreja para levar a cabo sua missão libertadora, mas sim que o próprio Deus deseja, em sua graça e misericórdia, usar a Igreja como instrumento em sua obra de redenção. Neste sentido, o chamado de Deus a sua Igreja é um ato de graça, e a missão da Igreja é um privilégio que Deus confere ao seu povo.<sup>335</sup>

---

evangelization in PATHRAPANKAL, J. (Ed.) **Service and salvation**. Bangalore: Theological Publications in India, 1973).

<sup>333</sup> COSTAS, O. **Christ Outside the Gate**, p. 80: “[...] a conscience-shooting Jesus, with na unscandalous cross, na otherwordly kingdom, a private, inwardly limited spirit, a pocket god, a spiritualized bible, and na escapist church. Its goal is a happy, comfortable, and successful life, obtainable through the forgiveness of an abstract sinfulness by faith in an unhistorical Christ”.

<sup>334</sup> Id. Dimensões do Crescimento Integral da Igreja in STEUERNAGEL, V. (Org.). **A missão da Igreja**: Uma visão panorâmica sobre os desafios e propostas de missão para a Igreja na antevéspera do terceiro milênio. Belo Horizonte: Missão Editora, 1994, p. 110.

<sup>335</sup> COSTAS, O. **La Iglesia y su Misión Evangelizadora**, p. 39.

Para bom êxito nesta tarefa, e como consequência dela, a comunidade experimenta crescimento. Entretanto, neste processo não é a mera multiplicação de pessoas que está em foco, mas a expansão do reino de Deus proclamado pelo evangelho (kerigma), experienciado na comunhão (koinonia) e demonstrado no serviço (diaconia).<sup>336</sup>

A perspectiva neotestamentária<sup>337</sup> da ação do Espírito Santo na comunidade de fé é sempre em direção a um crescimento (Mt 28. 18-19, Jo 20.21-22, At 1.8). Segundo as Escrituras, a Igreja tem neste processo um fenômeno vital, pois não existe vida se não houver crescimento. Por outro lado, se não houver crescimento não há perpetuação de vida, pois é ela que garante a mudança, a renovação, a transformação e a criatividade. Como sinal do reino de Deus, a Igreja é a manifestação concreta e histórica deste, e por isso deve estar sempre a caminho, sempre em marcha, espalhando a semente do evangelho a todos os homens e mulheres.

Outra imagem presente no Novo Testamento é da Igreja como agente que fermenta toda a humanidade com o poder do evangelho. A Igreja cresce a fim de comunicar a boa nova e reproduzir-se em comunidades comprometidas com a obra transformadora de Deus. Em outras palavras, aptas a participar em fé de tudo o que Deus fez, faz e fará.

Entretanto, o que pode ser percebido na história recente da igreja protestante, principalmente no contexto latino-americano, é uma dicotomia também no que se refere ao seu crescimento. De um lado encontram-se os segmentos de cunho liberal dispostos a transformar o ambiente sociocultural no qual estão inseridos sem, contudo, entender que esta ação transformadora tenha relação com a existência de uma comunidade de fé viva e comprometida. Por outro lado, os setores mais conservadores almejam a expansão da Igreja sem que

---

<sup>336</sup> Na esfera protestante e na esfera católico romana do cristianismo latino-americano a partir da década de 1970 esta crítica se cristalizou com mais evidência nos escritos de teólogos como Gustavo Gutierrez, Juan Luis Segundo, Leonardo Boff, Adolfo Ham, Renée Padilla, Orlando Costas, Samuel Escobar e Rubem Alves. Destes e de outros teólogos ouvimos vozes que se levantaram contra uma ação pastoral que mutila o conceito bíblico de Missão, deforma a Igreja através de um crescimento anômalo e pratica uma evangelização que perpetua a ideologia de cristandade. Textos destes autores estão sendo referenciados ao longo desta pesquisa.

<sup>337</sup> Não é nosso interesse desenvolver uma análise detalhada da rica eclesiologia haurida do Novo Testamento, mas apenas ressaltar alguns aspectos na relação entre Igreja e Missão.

isto reflita necessariamente em comunidades locais vivas e engajadas na ação libertadora de Deus em perspectiva integral.<sup>338</sup>

Neste sentido, uma genuína experiência de evangelização relativiza o triunfalismo eclesial e aprofunda o crescimento da Igreja. Ao mesmo tempo em que capacita a Igreja evangelizadora, inspirada pelo Espírito Santo, a focalizar a cruz de Cristo e a olhar para o reino de Deus, investindo suas energias na mensagem da cruz e no serviço do reino, esta evangelização produz também um “crescimento holístico, gratuito, mas não supérfluo, no qual energias disponíveis são multiplicadas para o bem estar da humanidade e para a glorificação do Deus cujo Reino aguardamos com fé e esperança”.<sup>339</sup>

Focalizando sua razão de ser e sua missão na consumação do reino de Deus, a Igreja precisa ser compreendida em um aspecto provisório e temporário. Como afirmamos anteriormente, a Igreja não encontra sentido a não ser como um sinal do reino. Assim sendo, sua expansão é um sinal, uma meta provisória e penúltima da Missão de Deus.<sup>340</sup> Isto nos leva a desabsolutizar o crescimento da Igreja, já que este não pode ser compreendido como um fim em si mesmo.<sup>341</sup>

Este aspecto traz em seu bojo outro ponto de importante reflexão já que o caráter provisional da Igreja realça que o seu crescimento não pode ser usado como motivação central para a missão cristã. A correlação direta e exclusiva entre evangelização e crescimento da Igreja revela uma visão míope da missão e corrobora para uma compreensão dualista e, portanto, proselitista da ação evangelizadora da Igreja.<sup>342</sup>

Esta provisoriedade reafirma ainda a necessidade de se relacionar o crescimento da Igreja e o contexto, pois acentua a inexistência de um modelo

---

<sup>338</sup> Aliado a este aspecto está a, já citada, singularização da experiência de conversão, sempre autocentrada e individualista que, sob a ótica do crescimento da Igreja, transforma-se em um meio, pois o que está em jogo são as estatísticas de crescimento institucional e não as pessoas.

<sup>339</sup> COSTAS, O. **Liberating News** p.149: “[...] a holistic growth, gratuitous but not superfluous, in which available energies are multiplied for the well-being of humanity and for the glorification of the God whose kingdom we await in faith and hope”.

<sup>340</sup> Id. **Christ Outside the Gate**, p. 43.

<sup>341</sup> Segundo Costas, “la realidad funcional de la Iglesia, aquello que es su razón de ser, es su obra misionera. La Iglesia no existe para ninguna otra cosa sino para evangelizar al mundo. De modo que no se puede hablar de Dios, del mundo, de creación ni de redención sin pensar en su peregrinaje, en su llamado, en su razón de ser, que es la proclamación del evangelio a toda criatura” (Cf. Id. **La Iglesia y su Misión Evangelizadora**, p. 29).

<sup>342</sup> No entanto, ainda é assim que o crescimento numérico da Igreja é apresentado por grande parte das igrejas cristãs. Ver, por exemplo, PIRAGINE, P. **Crescimento integral da Igreja**. Um crescimento em múltiplas direções. São Paulo: Vida, 2006, onde o paradigma da missão integral é relacionado diretamente ao crescimento da Igreja.

ideal, de um projeto acabado. Uma estratégia de crescimento saudável implica em adaptação ao contexto particular em que ela está inserida, o que a torna ainda mais relevante em sua jornada em direção a consumação do reino.

Se a primeira tarefa da comunidade eclesial é a contextualização ao ambiente em que está inserida, a segunda é viver neste contexto como uma comunidade profética de esperança, reconhecendo e anunciando que o poder de Deus é maior que as forças que geram o mal e a violência.

Deve assumir-se como comunidade sacerdotal e, em sua experiência litúrgica e intercessora, revelar a sensibilidade divina para com as lutas e angústias do povo, e em sua experiência de adoração reconhecer a presença graciosa de Deus, celebrar os seus feitos ao longo da história e encorajar os homens e mulheres diante dos novos desafios a enfrentar em suas histórias pessoais.<sup>343</sup>

Incorporando a sua vocação, “a Igreja é também chamada a ser uma comunidade paradigmática, isto é, uma comunidade que vive e demonstra a força libertadora do Evangelho e as novas possibilidades disponíveis em Cristo para um mundo oprimido e escravizado”.<sup>344</sup>

Por sua natureza divina a Igreja é o povo de Deus.<sup>345</sup> Apesar da sua pluralidade e diversidade, é composta de homens e mulheres convocados, ao longo da história, para revelar seu amor ao mundo. É uma comunidade sempre em formação, reunida para celebrar o amor de Deus e dispersa para revelar este amor a todos os homens e mulheres alienados de si e de Deus.

---

<sup>343</sup> Costas ressalta que através de sua atividade cultiva, a Igreja celebra e recapitula a história que ela própria vive no mundo. “el culto formal es una dramatización de culto encarnado que la iglesia celebra todos los días al proclamar al mundo con su vida, sus actos y sus palabras a Jesucristo como su esperanza. De ahí que la evangelización sea una mediación y la proclamación del evangelio uno de los servicios más grandes que la iglesia le rinde al mundo (Cf. COSTAS, O. **Hacia una Teología de la Evangelización**, p. 144). Da mesma forma, como comunidade sacerdotal a Igreja deve preocupar-se com a humanidade, orar e trabalhar por seu futuro, porque foi chamada para participar do sacerdócio de Cristo no mundo, o que exige que seja “capaz de se compadecer dos que não têm conhecimento e se desviam” (Hb 5.2), assim como Jesus, e sair “até ele, fora do acampamento, suportando a desonra que ele suportou” (Hb 13.13).

<sup>344</sup> Id. **The Church and Its Mission**, p. 53: “The church is also called to be a paradigmatic community, i.e., a community that lives and demonstrates the liberating power of the gospel and the new possibilities available in Christ for a world oppressed and slaved”.

<sup>345</sup> O apóstolo Pedro afirma com contundência: “Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, *povo exclusivo de Deus*, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz. Antes vocês nem sequer eram povo, mas agora são *povo de Deus*; não haviam recebido misericórdia, mas agora a receberam” (1 Pe 2.9-10. Grifo meu). O apóstolo reafirma que a Igreja é um povo com profundas raízes históricas, tendo sua origem remontada ao conceito vetero-testamentário de povo de Deus (p. ex. Êx 19.5 e Is 43.20 e 61.6). (Cf. Id. **Hacia una Teología de La Evangelización**, p. 132).

A Igreja também é compreendida teologicamente como o corpo de Cristo. Este corpo é integrado pela variedade de seus membros, que interagem entre si e desempenham diversas funções, sempre orientados pela “cabeça” que é o próprio Cristo.

Por fim, por sua natureza trinitária a Igreja é também a comunidade do Espírito. Pelo Espírito é que a comunidade é gerada, nutrida e energizada para o serviço de Deus no mundo. É o Espírito que a torna um lugar de encontro entre Deus e a humanidade, que a torna sinal da salvação, que a preserva e a mantém como comunidade viva e dinâmica, sempre relevante.

Deste modo, a Igreja deve crescer em conformidade com sua natureza divina. Como comunidade do Espírito cresce em **santidade** e **comunhão**. Como corpo de Cristo cresce em **apostolicidade** (missão) e **unidade**. Como povo de Deus cresce em **fidelidade** ao agir de Deus na história e na **celebração** de seus feitos maravilhosos.

Este aspecto é significativo, pois revela que o crescimento integral não ocorre por conta própria, não é algo que pode ser realizado por manipulação ou persuasão, por mais que em alguns segmentos cristãos da América Latina se pratique o contrário.

Orlando Costas distingue estas qualidades de crescimento em três perspectivas diretamente relacionadas ao Deus trino: a *fidelidade* que a Igreja deve demonstrar em seu relacionamento com o Deus Pai; a *encarnação* que a relaciona diretamente com o princípio de ação do Deus Filho, e; a *espiritualidade* que revela sua dependência e compromisso com a ação do Deus Espírito.

#### 4.1.1.

#### **A ação da igreja e os propósitos de Deus para seu povo.**

Uma primeira inferência acerca do crescimento da Igreja é que este se dá como resposta à interpelação amorosa de Deus. É Deus mesmo quem toma a iniciativa de ir em direção ao ser humano dispensando sua graça, manifestando seu amor e revelando a sua vontade aos homens e mulheres alienados e oprimidos. Nesta ação, cria um novo povo saído dos escombros de uma raça humana corrompida pelo pecado tornando-o primícia e paradigma de uma nova criação e colaborador do Deus trino na missão do reino.

Esta reorientação humana e esta reordenação de relações são provocadas pelo próprio Deus. É na resposta obediente e fiel a esse amor revelado que se dá o crescimento da Igreja, pois é a partir dele que a comunidade de fé realiza a experiência de sentido, que descobre sua importância na missão de Deus e entende a necessidade de vivenciar a radicalidade deste amor no mundo.

É o amor de Deus difundido na evangelização que deve ser vivido na comunidade eclesial, aprofundado na reflexão teológica, e encarnado no serviço ao próximo e na luta pela justiça.<sup>346</sup>

A herança bíblica revela que Deus não é um ser fixo e estático, distante de nós, mas uma realidade que possui uma história, que faz parte de nossa história, e que transcende a história humana.<sup>347</sup> O apóstolo Paulo, em seu célebre discurso no Areópago de Atenas, acentua as dimensões que revelam Deus como o Senhor do tempo e da história: Deus antes de tudo (v. 24); Deus para todos (v. 25-27); Deus em tudo (v. 28); e Deus depois de tudo (v. 31). O apóstolo nos revela que todo acontecimento histórico possui uma vertente evangelizadora, pois toda história humana é precedida, acompanhada e completada por Deus.

#### 4.1.2.

#### **As marcas de Cristo e o crescimento integral da Igreja**

A temática da encarnação já foi bastante explorada nesta pesquisa, pois na compreensão do teólogo em questão esta é a chave hermenêutica da missão cristã. Entretanto, ao pensarmos na relação da encarnação com o crescimento da Igreja também podemos perceber uma série de reducionismos e ambiguidades na práxis eclesial.

Como afirmamos anteriormente, a evangelização ganha sentido e impulso alicerçada na ação de Cristo de entrar no processo histórico por meio da encarnação e doação de vida aos homens e mulheres que vivem uma experiência de ruptura com Deus. Portanto, a dimensão da encarnação como critério de qualidade de crescimento da Igreja está relacionada a maneira como a compaixão de Jesus para com os oprimidos e desamparados é um elemento presente no

---

<sup>346</sup> Id. **Crecimiento Integral y Palabra de Dios**, p. 12.

<sup>347</sup> Id. **Liberating News**, p. 72.

processo de crescimento.<sup>348</sup> A questão que deve ser refletida é até que ponto a igreja está experimentando um crescimento que reflete a compreensão, o compromisso e a presença de Cristo entre os homens e mulheres?<sup>349</sup>

Ao crescer, uma Igreja não somente tem a responsabilidade de anunciar as boas novas de salvação a todo homem e mulher, mas também deve tornar-se referência desta experiência salvífica, testemunhando a libertação operada pelo poder de Deus em todas as circunstâncias da vida. Em nossa missão de internalizar e proclamar o Evangelho no mundo de hoje, a boa nova de salvação deve ser encarnada, comunicada e celebrada em cada fração do mosaico que é a humanidade.<sup>350</sup>

O crescimento integral, portanto, garante a continuidade histórica da comunidade de Cristo à medida que reproduz comunidades locais que ouvem e vivem a palavra de Deus, que observam os seus sacramentos, que assumem a sua identidade como povo de Deus, como família de Cristo, e que incorporem a missão libertadora do reino que se dá no presente.

Porém, o serviço evangelizador da Igreja não tem revelado o evangelho em sua plenitude, como o reino do Pai no Filho, dinamicamente presente através do Espírito Santo. A impressão que se tem é que Cristo já se divorciou do Pai e ambos do Espírito. A conversão foi separada do anúncio do Reino, a redenção da criação, a salvação da história.<sup>351</sup>

Consequentemente, a evangelização tem sido limitada a uma esfera de privatização. A proclamação do evangelho, de modo geral, não tem sido adequadamente validada pelos sinais históricos do reino de Deus. Em outras palavras, a Igreja na América Latina não tem revelado as marcas da cruz, não tem assumido o engajamento incondicional nas lutas e angústias do sofrimento da maioria oprimida. E por outro lado tem servido de alienação e manutenção de *status* para as classes mais privilegiadas.

---

<sup>348</sup> Cf. PADILLA, R. Avaliação Teológica do Ministério Integral in YAMAMORI, T.; PADILLA, R. e RAKE, G. **Servindo com os Pobres na América Latina**. Modelos de Ministério Integral. Londrina: Descoberta, 1998, p. 29.

<sup>349</sup> COSTAS. **Dimensões do Crescimento Integral da Igreja**, p. 112.

<sup>350</sup> Id. The Whole World for the Whole Gospel. **Missiology** 8:4, October, 1980, p. 29.

<sup>351</sup> Id. **Evangelism in Latin American Context**, p. 12.

### 4.1.3.

#### A presença e a operação do Espírito no crescimento da Igreja

A dimensão da espiritualidade tem a ver com a presença e a operação dinâmica do Espírito Santo no crescimento da Igreja.<sup>352</sup> A questão a ser refletida é se o crescimento responde a inspiração e motivação do Espírito Santo e reflete seus frutos.

A evangelização deve ser compreendida sempre como uma ação que deve ser realizada em dependência direta do Espírito, pois é somente na sua força que se pode realizar a obra de reconciliação. Em outras palavras, fora da operação dinâmica do Espírito Santo não pode haver uma comunicação eficaz das boas novas de salvação.

Neste sentido, o segundo testamento apresenta o Espírito Santo como o que podemos chamar de uma força exógena e uma força endógena no anúncio do evangelho que conduz ao crescimento da Igreja.

A força exógena representa a unção do Espírito Santo no ministério de Jesus e posteriormente na vida dos discípulos. Dentre os evangelistas, Lucas é que mais chama a atenção para a ação do Espírito Santo na vida e ministério de Jesus de Nazaré e, conseqüentemente, na vida e ministério dos seus discípulos.<sup>353</sup> Segundo ele, Jesus foi a Galiléia “no poder do Espírito” (Lc 4.14). Em seguida afirma que o Espírito ungiu (motivou e capacitou) Jesus “para anunciar boas novas aos pobres”, para “proclamar libertação aos cativos, e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e para proclamar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4.18,19).

Em relação aos discípulos, a admoestação de Jesus era de que deveriam permanecer em Jerusalém até que fossem investidos do poder do Espírito (Lc 24.49, At 1.4), que os capacitaria a testemunhar o evangelho até os confins da terra (At 1.8).

---

<sup>352</sup> Id. **Dimensões do Crescimento Integral da Igreja**, p. 112.

<sup>353</sup> Em relação ao ministério de Jesus Cristo, especificamente, em seu evangelho Lucas o apresenta como o Filho de Deus encarnado, que viveu entre nós; no livro de Atos, Lucas o apresenta como o Cristo ressuscitado, que age poderosamente através do Espírito Santo para trazer salvação e reconciliação com Deus e uma nova vida para todos aqueles que o receberem, chamando seus discípulos para participarem com Ele da sua missão (Cf. PIERSON, P. **Atos que Contam** – Fatos que Marcaram a Igreja de Cristo. Londrina: Descoberta, 2000, p.7).

Portanto, a *dynamis* do Espírito Santo é fator desencadeador da comunidade de fé. O grande propósito dos escritos de Lucas era demonstrar que os cristãos desta nova geração não viviam em desvantagem em relação aos primeiros cristãos. Se os primeiros discípulos desfrutaram da presença física de Jesus, as gerações seguintes poderiam experimentar a presença do Cristo ressurreto, através do Espírito Santo, que estaria com eles em todo tempo. É na força do Espírito, revelada na palavra e vivenciada na *koinonia*, que a comunidade de Jesus pode realizar os mesmos sinais e maravilhas que ele próprio realizou.

O evento de Pentecostes, também descrito por Lucas (At 2), se torna paradigmático para a ação evangelizadora da Igreja, pois revela que a mensagem do evangelho, alicerçada na pessoa de Jesus Cristo e dinamizada pelo Espírito Santo, deve revelar as maravilhas de Deus e sinalizar para o caráter universal da mensagem libertadora do evangelho.<sup>354</sup> A Igreja que se consolida no Pentecoste é uma igreja missionária, pois o anúncio do evangelho e a qualidade da vida comunitária que os cristãos experimentam a partir dali revelam o mecanismo utilizado pelo Espírito Santo para cumprir um propósito que transcende a comunidade de Jerusalém: a criação de uma comunidade universal que confesse Jesus Cristo como senhor da história e que viva à luz desta confissão.<sup>355</sup>

O Espírito Santo atua também como uma força endógena no processo evangelizador. Pela intervenção do Espírito Santo é que a mente humana é capaz de compreender os mistérios de Deus (Jo 6.63-65; 14.26; 16.13). Por consequência, é somente em aderência à vontade e orientação do Espírito Santo que a pessoa humana pode realizar a experiência salvífica (Ef 1.13) e é capaz de assumir o seguimento de Jesus como uma opção concreta de vida (Rm 8.9-14). Já sem essa operação todo o esforço evangelístico torna-se uma atividade inútil.

Portanto, necessitamos da intervenção do Espírito como o agente especial na obra de reconciliação. E esta intervenção, que se faz atuante na história humana, torna-se evidente no processo evangelizador em quatro áreas distintas.<sup>356</sup>

---

<sup>354</sup> Segundo Carlos Roberti “a força - *dynamis* - do Espírito Santo, dada aos discípulos, não é mediada por instituições, nem pela capacidade das pessoas, mas é uma força gratuita incontrolável, que dá ânimo e coragem frente ao poder estabelecido e capacita as pessoas a enfrentar e a transformar” (Cf. ROBERTI, C. O Espírito Santo na Obra de Lucas. **Revista Estudos Bíblicos** 45 – O Espírito Santo - Formador de Comunidades. Rio de Janeiro: Vozes, 1995, p. 57).

<sup>355</sup> PADILLA, R. **Discipulado y Misión**. Compromiso con el Reino de Dios. Buenos Aires: Kairós, 1997, p. 85.

<sup>356</sup> Cf. COSTAS, O. **Evangelización contextual**, pp. 78-79.

Em primeiro lugar, o Espírito Santo é testemunha primeira e fundamental da historicidade de Jesus de Nazaré bem como de sua obra salvífica.<sup>357</sup> Também é o Espírito que auxilia a pessoa humana a realizar a experiência de conversão da condição de pecado e injustiça ao reino de Deus e a sua justiça. O Espírito gera fé onde esta não existe e conduz os que seguem a Jesus em uma nova peregrinação, emancipando-os do poder do egoísmo e da avareza e colocando-os debaixo do cuidado do Pai e a serviço do Filho.<sup>358</sup>

O Espírito antecipa a futura liberdade na nova vida recebida em Cristo. O Espírito, na linguagem paulina, “é a garantia da nossa herança” (Ef 1.14). E, segundo o apóstolo Pedro, o Espírito é quem “nos regenerou para uma esperança viva” (1 Pe 1.3).

Por fim, em quarto lugar, é o Espírito Santo que faz com que a nova vida se torne um sinal de esperança para o mundo. O Espírito Santo nos revela que, onde há esperança, a vida é afirmada e desfrutada. Onde há esperança há regozijo em relação às grandes conquistas do ser humano, mas também nas esferas mais simples do cotidiano.

Onde há esperança, há celebração da vida. Vida reconhecida como um dom de Deus, mas também como fruto do trabalho humano. Por isso, onde há esperança, existe também luta, engajamento, resistência. Como afirmamos no segundo capítulo, reconhecer a vida como um dom e uma tarefa é o único caminho para o engajamento na luta por justiça e paz.

Estes aspectos ressaltam que a superação de um equívoco teológico que tem gerado graves consequências para o cristianismo na América Latina está na afirmação de que a ação reconciliadora do Espírito Santo se realiza na realidade concreta da vida humana, e não se limita a uma experiência individualista, intimista. O *locus* da espiritualidade é a história.

---

<sup>357</sup> É o Espírito é que faz Cristo estar presente, poder ser compreendido e ser transformador. Em sua missão no mundo, animada, consolada, guiada e sustentada pelo Espírito, a Igreja descobre o verdadeiro sentido da Palavra que se fez carne e Jesus a desafia a seguir os seus passos. (Cf. PADILLA, R. (ed.). **Las Bases Bíblicas de la Misión**. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Nueva Creación, 1998).

<sup>358</sup> COSTAS, O. **Liberating News**, p. 78. René Padilla ilustra bem esta afirmação ao sugerir que tanto na criação original quanto na nova criação tudo procede do Pai por meio do Filho, pelo poder do Espírito e tudo volta para o Pai em glória por meio do Filho pelo poder do Espírito. (Cf. PADILLA, R. *El Espíritu Santo y la Misión Integral*” in **El Trino Dios y la Misión Integral**. Buenos Aires: Kairos, 2003, p. 122).

Ainda como resultado de uma evangelização contextual é possível analisar o crescimento da Igreja em uma perspectiva pluridimensional.

Pelo fato de ser a Igreja uma comunidade a caminho, em direção ao reino de Deus, atenta à Palavra de Deus, que vive na comunhão de seus membros e está a serviço da humanidade, seu crescimento deve apontar para quatro direções: a reprodução de seus membros, o desenvolvimento de sua vida orgânica, o aprofundamento na reflexão da fé e o serviço eficaz no mundo.<sup>359</sup>

Mais uma vez o foco da reflexão está na superação das deformações bíblico-teológicas presentes na práxis cristã no continente em se tratando do crescimento da Igreja. Diante disso o que se propõe é um crescimento integral que perpassa as seguintes dimensões: o numérico, resultante da transmissão da fé; o orgânico, relacionado às questões de cultura e contextualização, formação e mordomia, comunhão e celebração; o conceitual, que determina o grau de consciência que a comunidade tem com respeito a sua existência e razão de ser, sua compreensão do mundo que a rodeia; e o diaconal, relacionado ao serviço que a Igreja deve render ao mundo.

#### **4.1.4.**

#### **A expansão quantitativa de uma comunidade que vive para os outros**

Existe uma quase obsessão de alguns segmentos da Igreja cristã na América Latina em relação ao crescimento numérico. Apesar de tal posicionamento ser altamente censurável, não se pode deixar de lado que a expansão em termos numéricos é uma das constatações da fidelidade da Igreja a sua razão de ser. A fé cristã tem projeção universal, não sendo, portanto, uma fé particularista ou provinciana.

Vale ressaltar que por crescimento numérico entende-se a reprodução que o povo de Deus experimenta ao proclamar o evangelho. Sendo assim, esta é uma parte importante da missão da Igreja como comunidade apostólica, ou seja, sua condição de enviada, de missionária. E como tal a Igreja necessita experimentar um contínuo processo de expansão a fim de realizar com êxito a tarefa que recebeu do próprio Jesus Cristo.

---

<sup>359</sup> COSTAS. *Dimensões do Crescimento Integral da Igreja*, p. 113.

É possível afirmar, portanto, que, a partir de uma dimensão fundamental de sua natureza, a Igreja tem o compromisso e a responsabilidade em relação ao anúncio do Evangelho a todo o mundo. Como povo em marcha, a Igreja não alcançará a sua meta a menos que toda humanidade tenha tido a oportunidade de ouvir e responder a interpelação do evangelho.<sup>360</sup>

E esta tarefa se resume a semear a mensagem libertadora de Deus na vida e conflitos pessoais de multidões de homens e mulheres que vivem alienadas de Deus, de si mesmos e do seu próximo, sem amor, paz e esperança, na necessidade de reconciliação e incorporação ao povo que Deus.<sup>361</sup>

Além disso, fiel à sua natureza a Igreja necessita permanentemente de novos tecidos para se manter viva. Mas a Igreja não revela um crescimento saudável simplesmente porque o número de fiéis aumenta. Como um organismo vital, não pode contentar-se apenas com a reprodução de suas células, mas também com o bom funcionamento de todas as partes em sua vida cotidiana.

#### 4.1.5.

#### **O crescimento orgânico e a funcionalidade da comunidade eclesial**

Por crescimento orgânico entende-se o desenvolvimento interno da comunidade de fé. Esta tem de ser nutrida, cuidada, estimulada e bem coordenada para que o corpo de Cristo possa funcionar adequadamente, para que o labor reprodutivo não seja desperdiçado e para que alcance a sua meta final.<sup>362</sup>

Na linguagem paulina esta tarefa se realiza “para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo” (Ef 4.12,13).

---

<sup>360</sup> Id. **Dimensões do Crescimento Integral da Igreja**, p. 113.

<sup>361</sup> Id. **La Iglesia y su Misión Evangelizadora**, p. 105.

<sup>362</sup> Id. **Dimensões do Crescimento Integral da Igreja**, p. 113. O teólogo indiano Valson Thampu descreve esta relação de uma forma mais sistematizada: 1) O todo é mais do que a soma das partes; 2) O todo determina a natureza das partes; 3) As partes não podem ser compreendidas isoladas do seu todo; e 4) As partes de todo orgânico estão inter-relacionadas dinamicamente ou são interdependentes. (Cf. THAMPU, V. **Rediscovering Mission: Towards a non-western missiological paradigm**. Nova Delhi: TRCI, 1995, p. 4).

De acordo com Costas,

A dimensão orgânica tem a ver com questões de cultura e contextualização, formação e mordomia, comunhão e celebração. Ela nos confronta com a necessidade de que a Igreja (local) seja uma comunidade autóctone, crioula, que forma seus membros, administra seu tempo, talentos e recursos, fomenta a comunhão dos fiéis entre si e com seu Deus e celebra sua fé em uma linguagem popular, incorporando criticamente seus símbolos, criações e valores, identificando-se com sua situação histórica e social.<sup>363</sup>

Portanto, se o numérico focaliza o crescimento extensivo, o orgânico avalia a intensidade do crescimento da comunidade de fé nas diversas ações eclesiais e na vida cultural e comunitária.

O crescimento orgânico de uma comunidade revela que esta cresce em unidade, comunhão e mutualidade; que aprende o valor da celebração, da comensalidade e da oração comunitária; que se torna um lugar de ensino e diálogo; que é um espaço onde cada membro tem participação ativa de acordo com seus respectivos carismas e talentos.

Mas para que isso aconteça sua liderança deve ser constituída por agentes de mobilização capacitados e dispostos a edificar o corpo e a estimular cada membro desta comunidade a atualizar a fé no contexto de seus dons e responsabilidades e à luz da missão conjunta da Igreja.<sup>364</sup>

#### 4.1.6.

#### O crescimento conceitual e a inteligência da fé

Esta dimensão também pode ser chamada de crescimento reflexivo. Refere-se à expansão da Igreja na inteligência da fé, ou seja, “o grau de consciência que a comunidade eclesial tem a respeito de sua existência e razão de ser, sua compreensão da fé cristã, seu conhecimento da fonte desta fé”.<sup>365</sup>

O crescimento conceitual tem a ver, portanto, com o discernimento que a comunidade de fé tem em relação à sua natureza trinitária, que inclui a sua compreensão das Escrituras e do desenvolvimento histórico da doutrina cristã, em relação ao seu lugar na sociedade e o papel que deve desempenhar.<sup>366</sup> É através

---

<sup>363</sup> COSTAS. *Dimensões do Crescimento Integral da Igreja*, p. 114.

<sup>364</sup> Id. *Compromisso y Misión*, p. 99.

<sup>365</sup> Id. *Dimensões do Crescimento Integral da Igreja*, p. 114.

<sup>366</sup> Id. *A Wholistic Conceptual Church Growth*, p. 102.

deste autoconhecimento que a Igreja adquire convicção para superar os desvios e as falsas doutrinas, se investe de consciência crítica para evitar o risco do engessamento e fossilização e garante a permanência da criatividade, da coerência e da ética em todas as suas ações.

Assim, o crescimento reflexivo da Igreja não deve ser relegado a um plano secundário na vida eclesial, desconectado de sua missão, bem como não pode ser compreendido como apanágio de uma “elite” clerical ou profissional (teólogos) privilegiada. Toda a Igreja é chamada a crescer no conhecimento da fé.

Diante disso, em total fidelidade ao dado revelado, a Igreja precisa desenvolver um paradigma de missão integrador, sem cair nas tentações do mundo ao seu redor. Deve manter-se atenta ao risco de perder a sua relevância e ter a consciência da necessidade de “pensar crítica e reverentemente sobre a fé, ao calor da Palavra e da oração; de avaliar honesta e conscientemente, à luz da fé e da realidade concreta, as imagens que forja de si mesma, de sua missão e do mundo”.<sup>367</sup>

O missionário anglicano Roland Allen acentua alguns aspectos que podem se tornar empecilhos para que haja um crescimento conceitual da Igreja.<sup>368</sup> Por exercer, enquanto organização, uma fascinação sobre homens e mulheres a comunidade cristã tende a ser vista como um fim em si mesmo, e conseqüentemente passa a ser valorizada por virtudes que não lhe pertencem. Assim, a Igreja tende a crescer em importância até que seu sentido último deixa de ser a prioridade.

Além disso, o amor que os fiéis devotam à organização os leva a se acomodar nela de tal maneira que toda dinâmica interna corre sempre o risco de se realizar de forma mecânica e acrítica. Conseqüentemente, esta posição gera o risco de atribuirmos à organização resultados que não lhe correspondem de fato. A Igreja-instituição está a serviço da vida, mas ela por si só é incapaz de gerá-la.

---

<sup>367</sup> COSTAS, O. **Dimensões do Crescimento Integral da Igreja**, p. 114. Rahner já acentuava que necessitamos desenvolver uma experiência de fé coerente e responsável para com os questionamentos presentes na vida humana contemporânea. Para ele esta fé se expressa numa dialética, já que ela deve vir deste mundo e ao mesmo tempo é ela que nos auxilia a enfrentar as circunstâncias da vida. (RAHNER, K. **Belief Today**. New York: Herder and Herder, 1971, p. 60).

<sup>368</sup> Cf. ALLEN, R. **La Expansión Espontánea de La Iglesia**. Buenos Aires: La Aurora, 1970. Neste específico, sua argumentação gira em torno das organizações missionárias, mas podemos facilmente relacioná-la à Igreja como um todo.

Se o nosso trabalho é a propagação da vida, se é conduzir os homens ao conhecimento de Cristo, que é vida, e quem dá vida aos homens, a continuidade da obra não pode depender de uma fonte que não pode dar vida, mas somente estar a seu serviço; e não pode considerar que esta depende dela, a não ser que os que assim pensam estejam permitindo, consciente ou inconscientemente, que a organização tome o lugar de Cristo.<sup>369</sup>

Portanto, o crescimento reflexivo é que torna possível compreender a disparidade que existe entre o êxito meramente quantitativo e a transformação pessoal e social que o Evangelho do reino exige e viabiliza.

#### 4.1.7.

#### **O crescimento encarnacional e o serviço ao mundo**

O crescimento diaconal ou encarnacional significa a intensidade de serviço que a Igreja presta ao mundo, como testemunho concreto de sua adesão ao amor-serviço herdado de Jesus Cristo. A Igreja convocada por Deus, enviada por Jesus Cristo e dinamizada pelo Espírito Santo é desafiada a viver historicamente esta experiência trinitária, estando fundamentalmente a serviço do ministério da reconciliação. Deste modo,

essa dimensão envolve o impacto que o ministério reconciliador da Igreja exerce sobre o mundo, o seu grau de participação na vida, conflitos, temores e esperanças da sociedade e a intensidade e qualidade com as quais seu serviço ajuda a aliviar a dor humana e a transformar as condições sociais que têm condenado milhões de homens, mulheres e crianças à pobreza. Sem essa dimensão, a igreja perde sua autenticidade e credibilidade, pois somente na medida em que consegue dar visibilidade e concretude à sua vocação de amor e serviço, pode esperar ser ouvida e respeitada.<sup>370</sup>

Neste sentido, cada necessidade humana se torna, para a Igreja, uma oportunidade de serviço. E cada forma de serviço se constitui num meio através do qual o amor de Deus se torna historicamente concreto. Todo serviço prestado pela Igreja é um sinal do reino de Deus que se fez história em Jesus Cristo.

Sem um crescimento que reflita a participação da Igreja nas lutas e problemas pessoais e coletivos da sociedade, a tarefa evangelizadora, o

---

<sup>369</sup> Ibid., p. 147: “Pero si nuestro trabajo es la propagación de la vida, si es traer a los hombres al conocimiento de Cristo, que es vida, y quien da vida a los hombres, la continuidad de la obra no puede depender de una fuente que no puede dar vida, sino sólo estar a su servicio, y no puede considerarse que depende de ella, a no ser que los que así piensan estén permitiendo, consciente o inconscientemente, que la organización usurpe el lugar de Cristo”.

<sup>370</sup> COSTAS, O. **Dimensões do Crescimento Integral da Igreja**, p. 113.

desenvolvimento orgânico e a capacidade reflexiva da mesma se tornam ações inócuas e reducionistas. Um crescimento saudável pressupõe a existência de comunidades locais que incorporem o amor, a justiça e a paz do reino de Deus, que assim como Jesus vivam orientadas para o serviço e para a glória de Deus, que sejam compostas de cristãos que encarnem uma presença ativa e transformadora na sociedade.

Como afirmamos, a Igreja não pode ser vista como fim em si mesmo, minimizando ou ignorando o fato que ela está a serviço do reino e, por conseguinte, da missão que anuncia a vinda deste. Esse é o paradigma da modernidade que começou a ser quebrado com a proposição da *missio Dei*. A ênfase está na percepção que Deus age de forma concreta no mundo e usa a Igreja, mas sua missão eterna não está limitada a nenhum lugar, pessoa ou instituição. Esta, em sua natureza eclesial, deve viver em permanente peregrinação, saindo de si mesma e caminhando em direção aos outros.

Deste modo, a Igreja cresce de maneira saudável quando, em organização e atividades, é capaz de entender sua natureza e missão.

Pode-se dizer que a igreja cresce integralmente quando recebe novos membros, se expande internamente, aprofunda seus conhecimentos da fé e serve ao mundo. Porém ela cresce qualitativamente quando em cada dimensão ela reflete espiritualidade, encarnação e fidelidade. O crescimento numérico, por si só, converte-se em obesidade, o orgânico em burocracia, o conceptual em abstração teórica e o diaconal em ativismo social. As quatro dimensões carecem de integridade teológica se não forem motivadas e preenchidas pela presença do Espírito, se não brotarem da encarnação eficaz do corpo de Cristo nas angústias e dores da humanidade e se não se mostrarem fiéis aos seus desígnios e ações de Deus na história do mundo em geral e do seu povo em particular.<sup>371</sup>

Como nosso propósito é pensar a importância de se desenvolver uma evangelização contextual e integral com vistas a um saudável crescimento da Igreja, a primeira constatação a que podemos chegar, à luz do que foi apresentado acima, é que o crescimento da Igreja deve integrar reflexão, comunhão e participação.

Na práxis cristã que se faz presente na América Latina a principal deformação que tem marcado a Igreja reside na tirania do crescimento numérico. A tirania das estatísticas viola o princípio fundamental da natureza e missão da Igreja, que é o amor-serviço, bem como impõe uma agenda alienante ao serviço

---

<sup>371</sup> Ibid., p. 115.

evangelizador que se limita a uma perspectiva reducionista da experiência de fé e da pastoral cristã.

Outro produto de um crescimento deformado é a redução do serviço evangelizador a uma perspectiva institucionalizada. Em uma cultura de massa, a evangelização parece cada vez mais eficaz quando surge de grandes programas e estruturas, quando arregimenta, ao mesmo tempo, um número cada vez maior de adeptos.

Com vistas à uma expansão numérica, os ideais que permeiam a ação evangelizadora são homogeneizados e centrados na satisfação humana e na realização pessoal da pessoa evangelizada.

A expansão cristã que se faz relevante e verdadeiramente cristã realizar-se-á na medida em que aprendamos a focalizar as multidões do nosso continente não como candidatos à adesão em nosso grupo, mas com o olhar de compaixão com que Jesus percebia as pessoas de seu tempo: “aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor” (Mt 9.36). Sem a compaixão de Jesus, no centro mesmo da vida e missão da Igreja, não há como não confundir “evangelização com proselitismo, a experiência cristã com a adesão religiosa, a coesão de grupos racistas, classistas, etc. com a unidade da Igreja, a edificação da Igreja com a construção de grandes e luxuosos templos, a comunhão com o sectarismo, a expansão do reino com o crescimento da Igreja”.<sup>372</sup>

## 4.2.

### **Evangelização e discipulado missionário**

No capítulo anterior afirmamos a evangelização como reprodução, pelo poder do Espírito Santo, da graça transformadora do reino de Deus encarnado em Jesus Cristo. A chave teológica para se entender o serviço evangelizador é, portanto, o kerigma do reino.

Mas, como também já afirmamos, a proclamação não esgota a ação evangelizadora. Os evangelistas indicam uma dimensão do ministério de Jesus

---

<sup>372</sup> PADILLA. **Discipulado y Misión**, p. 98: “evangelización con el proselitismo, la experiencia cristiana con la religiosidad popular, la cohesión de grupos racistas y/o clasistas con la unidad de la iglesia, la edificación de la iglesia con la construcción de grandes y lujosos templos, la comunión con el sectarismo y la expansión del reino con el ‘iglecrecimiento’”.

que deve ser parte integrante da proclamação do reino, inclusive como mecanismo de consolidação e concretude desta.

O chamado ao discipulado é uma correlação necessária da proclamação do reino de Deus porque indica o caminho concreto através do qual este se manifesta na história. Este convite revela que no centro mesmo da proclamação de Jesus se encontrava a concepção de uma comunidade que encarna a sua vida e continua a sua missão até o fim.<sup>373</sup>

Neste sentido, a evangelização não consiste em ganhar adeptos a um movimento religioso, mas conduzir os homens e mulheres à plena maturidade em Cristo Jesus. Esse processo tem início com a resposta que se dá a interpelação de Deus, e vai se realizando ao longo de toda a vida.

Jesus convida discípulos e discípulas ao seguimento, a partilha, ao companheirismo, mas também os devolve à sociedade para que possam viver a liberdade que receberam de Deus em sua intensidade e nela, e a partir dela, dar continuidade ao projeto de reino que ele mesmo estabeleceu.

As teologias de missão produzidas na América Latina, nas perspectivas protestante e católico-romana, sempre trataram com especial atenção à temática do discipulado. No entanto, o que se percebe ao longo dos tempos é que a aderência da mesma nas comunidades eclesiais sempre foi distorcida. Daí a urgência da retomada desta reflexão e sua incorporação na missionariedade da Igreja.

Em junho de 2010, o Conselho Mundial de Igrejas realizou uma Conferência Missionária na cidade de Edimburgo (Escócia). O objetivo principal do evento era comemorar o centenário da célebre conferência de Edimburgo realizada em 1910.<sup>374</sup> A linha mestra de toda reflexão foi a atualização e revitalização da missão da igreja ante os desafios da pós-modernidade.<sup>375</sup>

---

<sup>373</sup> COSTAS, O. **Compromiso y Misión**, p. 46.

<sup>374</sup> O congresso de 1910 é considerado o primeiro grande evento em escala mundial realizado pelo protestantismo moderno. Na verdade esta foi a quarta reunião internacional a tratar de assuntos relativos a obra missionária, seguindo Liverpool (1860), Londres (1888) e Nova Iorque (1900). Porém os historiadores protestantes consideram as três anteriores como preparatórias para o Congresso de Edimburgo. Mas, sem dúvida, Edimburgo “ultrapassou todas as outras, quanto ao cuidado meticuloso com que foi preparada; no que respeita ao seu caráter, como assembleia de pensamento científico e não somente para a edificação da fé e da expressão do entusiasmo cristão; e nas medidas que tomou para assegurar a permanente cooperação cristã no futuro” (Cf. NEILL, S. **História das Missões**, p. 402). Este congresso foi determinante na história do movimento ecumênico mundial, pois foi ali que o bispo Charles Henry Brent teve a visão que o conduziu ao “Movimento de Fé e Ordem” e principalmente pela organização de um comitê de cooperação

Em seu documento final, o congresso chama a atenção para o desafio do discipulado cristão no contexto atual:

Ouvindo o chamado de Jesus para fazer discípulos de todas as pessoas - pobres, ricos, marginalizados, ignorados, poderosos, que vivem com deficiência, jovens e velhos - somos chamados como comunidades de fé para a missão de todos os lugares e para todos os lugares. Em alegria, ouvimos o chamado para receber uns dos outros em nosso testemunho pela palavra e pela ação, nas ruas, campos, escritórios, casas e escolas, oferecendo reconciliação, mostrando amor, demonstrando graça e falando a verdade.<sup>376</sup>

Mas para que esta tarefa eucarística de doar-se em favor do outro se materialize, é necessário um paradigma de espiritualidade missionária.<sup>377</sup> A missão cristã começa com a atividade espiritual de discernir os espíritos (de acordo com a revelação de Jesus Cristo), a fim de descobrir as ações do Espírito de Deus no mundo e juntar-se a Ele. O que se pode afirmar desta relação é que somente através da vivência de uma espiritualidade missionária é que se pode alcançar um discipulado autêntico.

Nas palavras de René Padilla,

A espiritualidade cristã é um dom e uma tarefa. Isso requer comunhão com Deus (contemplação), bem como ação no mundo (práxis). Quando estes dois elementos são separados, tanto a vida como a missão da Igreja são profundamente afetados. Contemplação sem ação é uma fuga da realidade concreta, a ação sem contemplação é o ativismo sem um significado transcendente. A verdadeira

---

internacional que resultou no Concílio Missionário Internacional, em 1921, tendo John Mott como presidente. Mott foi um dos fundadores do Conselho Mundial de Igrejas.

<sup>375</sup> Para termos uma ideia da importância do tema da missão basta olhar para os temas centrais abordados na conferência: os fundamentos da missão, a missão cristã entre outras religiões, a missão e o pós-modernismo, a missão e o poder, novas formas de engajamento missionário, a educação e formação teológica, as comunidades cristãs em contextos contemporâneos, missão e unidade, e a espiritualidade cristã e o discipulado autêntico. Os temas transversais foram: mulher e missão; jovem e missão; saúde e reconciliação; Bíblia e missão; a contextualização, a inculturação e o diálogo nas diversas visões de mundo; vozes excluídas; e perspectivas ecológicas da missão. (Cf. BALIA, D. e KIM, K. (eds). **Edinburgh 2010**. Witnessing to Christ Today. Oxford: Regnum Books, 2010).

<sup>376</sup> Cf. <http://www.edinburgh2010.org/fileadmin/files/edinburgh2010/CommonCall.pdf>. Acessado em 10 de agosto de 2010.

<sup>377</sup> A espiritualidade missionária se realiza a partir da radicalidade do seguimento de Jesus e da opção pelo amor-serviço. O teólogo colombiano Harold Segura destaca que a espiritualidade cristã “não pode reduzir-se ao cumprimento das exigências ativistas da Igreja convertida em instituição, nem a um acúmulo de experiências espirituais extraordinárias, nem ao cultivo de uma vida interior desconectada do mundo exterior e da missão de Deus, nem a satisfação egoísta das necessidades psicológicas ou a busca por autorrealização humana” (SEGURA, H. **Para que Serve a Espiritualidade?** Viçosa: Ultimato, 2010, p. 28). Em contrapartida a tudo isso, a espiritualidade missionária é a vitalidade da fé que nasce e se nutre a partir da nossa adesão ao projeto do reino de Deus, e por isso “nem é espiritualista, com um Deus sem reino; nem é materialista, com um reino sem Deus. Vive a síntese integrada que Jesus viveu e nos revelou: pelo Deus do reino e pelo reino de Deus” (Cf. CASALDALIGA, P. e VIGIL, J.M. **Espiritualidade da Libertação**. São Paulo: Vozes, 1993, p. 232).

espiritualidade requer uma contemplação missionária e uma missão contemplativa.<sup>378</sup>

De maneira objetiva podemos afirmar, por questões históricas e teológicas relacionadas a aderência da teologia ecumênica na realidade protestante latino-americana, que as conclusões do congresso de Edimburgo terão pouca incidência sobre a Igreja no continente. No entanto, esta pesquisa foi produzida as vésperas da realização do Terceiro Congresso de Evangelização Mundial promovido pelo Movimento de Lausanne.<sup>379</sup> O tema central que orientou as reflexões teológicas dos grupos de trabalho já exprime o caráter de integralidade da missão que perpassa todo o movimento de Lausanne: “Toda Igreja levando todo o Evangelho a todo mundo”. A expectativa é que as conclusões de Lausanne possam irrigar com mais intensidade a práxis protestante latino-americana.

Um dos documentos avançados elaborados como reflexão preliminar ao congresso desafia os participantes a avaliar a importância do discipulado no atual contexto globalizado:

Se a globalização tem dimensões tanto locais quanto globais, e se os seus imensos benefícios estão atrelados as sombras extraordinárias da forma como estão, então, ela representa desafios complexos para o discipulado cristão. Como avaliamos os benefícios e o preço como seguidores de Cristo? E como avaliamos este mundo que vive em nossa consciência, tanto na macro quanto na micro visão? Se a Igreja for fiel ao seu chamado, pensará globalmente. Caso contrário, será mais provinciana do que seus vizinhos não cristãos e, o que é pior, infiel ao chamado do Evangelho. [...] Em um mundo conectado eletrônica e virtualmente, a tendência é que diminua o relacionamento humano face a face e que aumentem os “relacionamentos virtuais” e a rede de contatos sociais. Há um questionamento se as pessoas ainda devem “ir” à igreja. Mas, é a “igreja” meramente uma “comunidade imaginada” que existe somente no etéreo? E como este “mundo intermediado” impacta o discipulado moldado na realidade de carne e sangue da Encarnação? Numa época em que o poder do “mundo” não tem precedentes no que se refere à sua pressão e invasão, a tendência é que expressões da fé cristã (e também de outras religiões) sejam atraídas aos extremos de um fundamentalismo que desafia o mundo ou de um revisionismo liberal que se acomoda ao mundo. Se o primeiro desenvolve caminhos de vida contraditórios ao caminho de Jesus, o segundo leva a uma negação descarada da histórica adoração cristã a Jesus, à

---

<sup>378</sup> PADILLA, R. Spirituality in the Life and Mission of the Church in BALIA, D. e KIM, K. (eds). op. cit., p. 241: “Christian spirituality is a gift and a task. It requires communion with God (contemplation) as well as action in the world (praxis). When these two elements are separated, both the life and the mission of the church are deeply affected. Contemplation without action is an escape from concrete reality; action without contemplation is activism lacking a transcendent meaning. True spirituality requires a missionary contemplation and a contemplative mission”.

<sup>379</sup> Realizado nos dias 16 a 25 de Outubro de 2010 em Cape Town, África do Sul. No entanto, até a confecção deste texto o documento final do Congresso ainda não havia sido divulgado, o que nos impede de refletir sobre suas conclusões.

promoção do que a Bíblia condena como “outro evangelho”, e ao fim da missão cristã por completo.<sup>380</sup>

Ainda que, durante a elaboração desta pesquisa, não tenhamos acesso aos resultados produzidos pelo Congresso, assim como ocorreu em Edimburgo o Congresso de Lausanne reconhece a necessidade de revisar alguns “pontos cegos” que a pastoral protestante tem gerado nas últimas décadas. E um deles é exatamente o desafio do seguimento de Jesus em um contexto religioso que não se mostrou capaz de realizar uma séria introspecção ao adentrar o ambiente pós-moderno.

Os católico-romanos, na América Latina, deram um grande passo nesta direção com as reflexões produzidas no V CELAM, em Aparecida (2007). Ali discutiu-se a necessidade de permanente revisão da validação dos agentes da missão, em suas respectivas atividades, e dos espaços onde esta missão da Igreja deve ocorrer. E estes devem ser considerados como discípulos missionários.<sup>381</sup>

Estes discípulos missionários devem trilhar um caminho querigmático que possui cinco estações bem definidas:<sup>382</sup> O encontro com Jesus Cristo, o missionário por excelência, de onde provem o convite ao seguimento; a conversão como re-ação a ação graciosa de Cristo; o discipulado que é o aprofundamento desta relação; a comunhão, que expressa o fato de que este missionário não está sozinho; e, por fim, a missão, que se torna a culminância de uma relação onde as aspirações e projetos do Cristo são vivenciados intensamente pelos seus discípulos.

Ao fim desta jornada, o discípulo missionário contempla com lucidez que o sentido de sua existência não está na Igreja, e na sua conformação às doutrinas e práticas religiosas, mas no encontro com Jesus Cristo.<sup>383</sup> E este encontro eclode no engajamento do discípulo na missão do Mestre, que também não significa adesão religiosa, mas comunicação de vida.<sup>384</sup>

O que podemos assumir como fio que entrelaça a reflexão produzida nestes três importantes eventos e que, portanto, reproduz uma importante

---

<sup>380</sup> Cf. GUINNESS, O. e WELLS, D. **Evangelho Global, Era Global: O discipulado e a missão na era da globalização** in <http://conversation.lausanne.org/pt/conversations/detail/10566/0/1> (acessado em 10 de agosto de 2010).

<sup>381</sup> DA 144.

<sup>382</sup> DA 278

<sup>383</sup> DA 366.

<sup>384</sup> DA 360-364.

tendência na reflexão teológica católica, ecumênica e evangelical é a consciência de que a Igreja deve existir em estado permanente de missão.<sup>385</sup>

Isto reproduz uma “volta às origens” na medida em que enfatiza a missão trinitária como produtora de sentido para a missão e constituição da Igreja, e reestabelece uma íntima e indissociável relação entre a natureza da Igreja e sua concretização histórica nas comunidades locais. Se a Igreja enfrenta a crise da queda definitiva do paradigma da cristandade, e com isso vê sua função e mensagem ameaçadas, é encontrando-se inserida na missão trinitária que pode redefinir seu papel na sociedade.<sup>386</sup>

Deste modo, a vocação da Igreja em sua totalidade só será de fato levada a cabo quando experimentar a conversão de uma pastoral de manutenção a uma pastoral de missão.<sup>387</sup> Uma Igreja que existe para “cumprir a missão do Deus triúno no mundo”<sup>388</sup> é composta de igrejas locais e, por conseguinte, de cristãos individuais dispostos a assumir a sua (con)vocação para o serviço do reino.<sup>389</sup>

---

<sup>385</sup> Por questões de delimitação esta pesquisa não se atém a um estudo comparado dos documentos produzidos nestes encontros, mas reconhecemos que tal tarefa pode gerar uma importante contribuição no diagnóstico dos rumos do cristianismo, especialmente no contexto latino-americano.

<sup>386</sup> O que podemos perceber como unanimidade nestes Congressos é a consciência de que, para dar cabo do “novo” paradigma de missão da Igreja, é necessário basilar-se na atualização e no diálogo. Estes temas serão explorados com mais intensidade no capítulo seguinte.

<sup>387</sup> É o projeto de reino de Deus assumido por Jesus Cristo o paradigma que apresenta a perspectiva e os critérios para avaliar e descartar os valores da velha ordem, caída e em processo de desaparecimento. Cf. DRIVER, J. **Contra a Corrente: Ensaio de Eclesiologia Radical**. Campinas: Cristã Unida, 1994, p. 106.

<sup>388</sup> SCHERER, J. **Evangelho, Igreja e Reino: Estudos Comparativos de Teologia da Missão**. São Leopoldo: Sinodal, 1991, p. 146.

<sup>389</sup> Um olhar atento para a Igreja que as Epístolas do Novo Testamento fazem referência nos faz perceber que esta é uma Igreja missionária, seja em sua vertente universal, nas referências a Igreja local ou em cada membro da Igreja. John Stott destaca que todas as vinte e uma Epístolas do Novo Testamento, mesmo as que se destinam a pessoas específicas, têm como propósito, em suas diferentes formas, edificar a Igreja e garantir o seu crescimento, tanto em maturidade como em extensão. É verdade que as Epístolas tratam de questões domésticas como a doutrina, o culto, os ministérios, a unidade e a santidade. Mas também pressupõem que as igrejas vivem em contextos variados e têm como responsabilidade afetá-los em compaixão. O apóstolo Paulo, por exemplo, presume que as igrejas irão participar do seu próprio ministério apostólico através do apoio, de seus dons e, principalmente, por suas orações. Por isso, agradece pela “cooperação no evangelho” dos filipenses (Fp. 1.5). Suplica aos de Tessalônica que orem para que através dele “a palavra do Senhor se propague, e seja glorificada” (2Ts 3.1); aos colossenses, “para que Deus nos abra porta à palavra” (Cl 4.3); e aos efésios, para que lhe seja dada, no abrir da sua boca, a palavra, bem como ousadia e intrepidez ao fazer conhecido o evangelho (Ef 6.19-20). Os apóstolos pressupõem também que a própria Igreja se envolva na divulgação da fé. Paulo chama-a de “coluna e baluarte da verdade” (1 Tm 3.15). Podemos fazer referência mais uma vez ao apóstolo Pedro que chama a Igreja de “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus”, a fim de que os seus membros possam “proclamar as virtudes” ou “anunciar as grandezas” do Salvador, que os chamou “das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pe 2.9). E cada igreja local deve expressar o caráter missionário de toda a Igreja. Os filipenses, que viviam “no meio de uma

Isto significa que a missão deve ser experienciada por cada discípulo e discípula de Jesus como uma opção e um estilo de vida. Neste específico todos os documentos enfatizam a necessidade de a Igreja assumir com responsabilidade o compromisso de gerar discípulos missionários.

Proclamar o evangelho no mundo de hoje significa, entre outras coisas, chamar os homens e mulheres ao discipulado responsável, encarnado e militante que proteste contra todo tipo de opressão e domesticação.<sup>390</sup>

#### 4.2.1.

#### O seguimento de Jesus como reorientação de vida e compromisso

O primeiro contato de Jesus com seus discípulos se deu por intermédio de um convite ao seguimento, o que coloca o discipulado no cerne da experiência fundante do cristianismo. O chamado de Jesus ao discipulado não era um convite a fazer parte de uma escola rabínica tradicional com sua reflexão e discussão em torno da Torá.<sup>391</sup> Era um convite que emanava da proclamação do evangelho do reino, que implicava na aceitação do reinado soberano de Deus, em entrar em uma nova e íntima relação com o Pai, em se tornar recipiente de sua graça e poder salvífico e segui-lo em obediência. Era, sobretudo, um convite a participar da vida e da morte de Jesus.<sup>392</sup>

O seguimento de Jesus revela um processo contínuo alicerçado em uma relação pessoal com Ele. Isto tem como implicação um conhecimento íntimo da

---

geração pervertida e corrupta", foram exortados a "resplandecer como luzeiros no mundo" e a "preservar a palavra da vida" (Fp 2.15-16), e os tessalonicenses são descritos como tendo, não somente "recebido" a palavra do Senhor, mas também feito com que ela "repercutisse" nas regiões vizinhas (1 Ts 1:6, 8). Cf. STOTT, J. **Ouçá o Espírito, Ouçá o Mundo**. Como Ser um Cristão Contemporâneo. São Paulo: ABU Editora, 1997, p. 146-147

<sup>390</sup> Cf. COSTAS, O. **Qué Significa Evangelizar Hoy**, p. 40.

<sup>391</sup> Na Palestina antiga era comum um rabino receber uma solicitação ou realizar um convite para que alguém se tornasse seu discípulo. Mas no caso de Jesus tanto o convite como o propósito se revelam radicalmente diferentes. O teólogo Juan Stam relaciona sete diferenças fundamentais entre o seguimento de Jesus e dos rabinos judeus. 1) Os discípulos rabínicos escolhiam seus mestres e não o contrário como no caso de Jesus; 2) Os discípulos rabínicos recebiam apenas uma formação intelectual, e os discípulos de Jesus uma formação integral; 3) O convite de Jesus se baseava em uma relação pessoal, e os rabinos em uma base doutrinal; 4) Os discípulos rabínicos deveriam pagar pela instrução que recebiam, mas seguir a Jesus se baseava na gratuidade; 5) Ao contrário dos rabinos, Jesus requeria compromisso absoluto; 6) O discipulado de Jesus era uma realidade inteiramente comunitária, e o companheirismo não era algo ocasional como com os discípulos rabínicos; 7) O discipulado de Jesus era permanente pois o aprendizado, a dependência e o serviço não são circunstanciais, mas parte essencial da existência dos discípulos. Cf. STAM, J. Bases Bíblicas para el Discipulado in **Ensayos Ocasionales**, 3:1, março de 1976, pp. 1-12.

<sup>392</sup> COSTAS, O. **Hacia una Teología da La Evangelización**, p. 39.

pessoa de Jesus e de seu projeto para a humanidade, e a recepção de sua mensagem de forma integral em nossa existência.

E este convite, como dito no primeiro capítulo, não significa mera adesão a uma crença ou a um estilo de vida, mas se concretiza em uma experiência de sentido.<sup>393</sup> E esta experiência paradigmática do evangelho do reino é atualizada pelo Espírito Santo, reafirmando que não é a inserção em um projeto religioso ou em uma comunidade com seus dogmas e princípios litúrgicos que reafirma a dinâmica salvífica, mas o encontro com o Cristo vivo.<sup>394</sup>

#### 4.2.2.

#### O seguimento de Jesus como participação em sua missão no mundo

Além desta hermenêutica de sentido o seguimento de Jesus pressupõe um compromisso de missionariedade, pois a resposta ao seu chamado e a incorporação à comunidade de discípulos implica na missão de anunciar o Evangelho do reino a toda criatura (Mt 28.19).

A missão que o Senhor deu a seus discípulos não residia no fato de se fazer algo, mas de ser alguém. O chamado de Jesus a uma vida discipular era um convite ao relacionamento, para que seus discípulos andassem com Ele. O que deveriam fazer era caminhar com o Mestre, buscando imitá-lo em tudo, e aprendendo com seus ensinamentos e atitudes.

Não havia formulações teóricas da fé, nem sistematizações teológicas, e sim uma vivência extrema dos princípios divinos e dos valores eternos. Os discípulos aprenderam que sem uma experiência direta de amor com o Senhor, seu conhecimento de Deus tornaria-se vazio, e sua missão comprometida.

Mas o *locus* desta experiência é mesmo a existência humana em toda sua ambiguidade. Assim, como os discípulos primeiros, todos os cristãos incorrem no

<sup>393</sup> Como ressalta Clodovis Boff, “a Escritura traz esse apelo constante de passar da superficialidade do formalismo religioso para a fé mesma da liberdade humana - chamada aqui ‘espírito’ e correspondendo ao que conviemos denominar ‘coração’. O sacrifício que Deus quer é o dum coração que o procura com inteireza e sinceridade”. Cf. BOFF, C. A Religião contra a Fé in **Revista de Cultura**. Petrópolis:Vozes, fev. de 1969, ano 63, no. 02, p.110.

<sup>394</sup> Segundo França Miranda “seguir a Jesus e palmilhar o seu caminho para o Pai significa fazer experiências novas, ver a vida com outros olhos, perceber dimensões escondidas da realidade, relativizar o presente passageiro, poder ultrapassar a si mesmo, crescer em liberdade, abandonar-se ao amor de Deus, experimentar profundamente o risco e felicidade da fé em Jesus Cristo. Vivemos, como cristãos, a mesma vida de nossos contemporâneos, mas a vivemos diversamente”. MIRANDA. M. F. **A Salvação de Jesus Cristo**, p. 221.

risco de trair Jesus, de não compreendê-lo com propriedade, de distorcer sua imagem ou tentarmos manipulá-la de acordo com suas ambições e vaidades.

Fazer discípulos é, portanto, ensinar homens e mulheres a viverem de acordo com os valores do reino em uma existência permeada de ambiguidades e fragilidades e em meio à sociedade corrompida e infectada pela injustiça. No seguimento de Jesus é que vão sendo incorporados os componentes fundamentais deste perfil que são a misericórdia, a compaixão, o amor, a justiça, a liberdade e a verdade.<sup>395</sup>

Da mesma forma, em seu discipulado, Cristo se identificava profundamente com a realidade humana. O que prova que a chave da missionariedade da Igreja é essencialmente relacional.<sup>396</sup>

A metáfora utilizada por Jesus que mais confere significado a esta tarefa é a pesca: “Vinde após mim e eu vos farei pescadores de homens” (Mt 4.19, Mc 1.17 e Lc 5.10). O que ele faz é apropriar-se de uma imagem que já existia na tradição escriturística do Antigo Testamento<sup>397</sup> e em seu cumprimento messiânico resignifica o sentido anteriormente estabelecido. A metáfora da pesca que possuía um significado teológico de juízo de Deus, no projeto de Jesus representa a graça salvadora do reino de Deus que se revela sobre todos os homens e mulheres que vivem no “oceano” poluído pelo pecado.

Desta forma, o convite ao discipulado não se restringe à tarefa de conduzir os homens e mulheres alienados de Deus, mas também capacitá-los a se tornarem

---

<sup>395</sup> Anselm Grün ilustra que o convite ao discipulado, tema central no evangelho de Mateus, deve ser entendido como uma exortação: “Leve sua vida a sério. Você não tem outra. Não passe a vida dormindo! Viva de acordo com a vontade de Deus e com o seu verdadeiro ser.” (Cf. GRÜN, A. **Jesus, Mestre da Salvação**. São Paulo: Loyola, 2006, p.14).

<sup>396</sup> O pastor Ricardo Barbosa chama a atenção ao fato que “a missão cristã não pode ser descrita apenas em termos de ação e projetos, implica em amor e aceitação. A encarnação não deve ser vista apenas como processo de aculturação e integração, mas como caminho de identificação pessoal” (Cf. BARBOSA, R. **O Caminho do Coração**. Curitiba: Encontro, 1996, p. 75).

<sup>397</sup> O profeta Ezequiel, por exemplo, acenava para a imagem da pesca para ilustrar o juízo de YHWH sobre o Egito: “Mas porei anzóis em seu queixo e farei os peixes dos seus regatos se apegarem às suas escamas, ó Egito” (Ez 29.4), e também sobre Gogue: “Farei você girar, porei anzóis em seu queixo e o farei sair com todo o seu exército” (Ez 38.4). O profeta Habacuque acentua: “Tornaste os homens como peixes do mar, como animais, que não são governados por ninguém. O inimigo puxa todos com anzóis, apanha-os em sua rede e nela os arrasta; então alegra-se e exulta” (Hc 1.14-15). O profeta Jeremias usa a mesma imagem para revelar o julgamento sobre Israel: “Mas agora mandarei chamar muitos pescadores”, declara o Senhor” (Jr 16.16). A mesma imagem é utilizada por Amós: “Certamente chegará o tempo em que vocês serão levados com ganchos, e os últimos de vocês com anzóis” (Am 4.2). A comunidade de Qunram identifica a metáfora da pesca presente na tradição profética do AT com o Messias, o mestre da justiça. Já o evangelho apócrifo de Tomé utiliza a metáfora para referir-se a Jesus, o pescador por excelência. (Cf. LANE, W. **Commentary on the New Testament**. Grand: Rapids: Eerdmans, 1974).

canais da sua graça. O convite feito aos discípulos implica na continuação da missão de Jesus mediante a vida e o ministério dos próprios discípulos. E para que realizassem esta missão de forma eficaz precisam estar próximos dele.

E o passo seguinte desta evolução do crer reside em um ato novo de comunicação, através da comunhão vivenciada em um espaço comum de fé, a Igreja. O anúncio de que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, constitui a profissão de fé pública dos que assumem o compromisso de segui-lo. Assim, o que era uma experiência individual de sentido, passa para a esfera da linguagem pela necessidade de ser confessada.

Em sua forma comunitária, a fé é o assentimento com a palavra de Deus, reconhecida nos escritos dos evangelistas e apóstolos, antes lidos como testemunhos históricos acerca de Jesus, e agora compreendidos como a Escritura de Jesus que identifica a Igreja como seu corpo, um corpo que fala.<sup>398</sup>

Portanto, assim como Jesus havia sido enviado para ser canal através do qual a graça salvífica de Deus se colocava à disposição da humanidade, os discípulos também deveriam se converter em canais por meio dos quais a mensagem divina da graça poderia alcançar os confins da terra.<sup>399</sup>

Costas destaca a importância desta concepção para a missão da Igreja nos dias atuais:

Uma igreja repleta de sentimentos de culpabilidade por seus erros passados, desanimada por sua impotência atual, física e psicologicamente cansada e traumatizada pelos indícios de uma diminuição considerável em sua função futura na sociedade e na vida pessoal de seus membros. A esta igreja estancada, que parece estar se retirando das fronteiras da história e entrar em um novo exílio religioso, Jesus lhe diz: “Venham após mim, e eu vos farei pescadores de homens”.<sup>400</sup>

Essa afirmação conduz a uma mudança de eixo da periferia para o centro da missão. O ponto central da tarefa da igreja local não está no “esplendor” de

---

<sup>398</sup> Cf. MOINGT, J. **Dios que viene al hombre**: del duelo al desvelamiento de Dios, vol. I, Salamanca, Sígueme, 2007, p. 443.

<sup>399</sup> Cf. COSTAS, O. La Misión como Discipulado. **Boletín Teológico 6. FTL**. Marzo a abril, 1982.

<sup>400</sup> Id. **Compromiso y Misión**, p. 55: “Una iglesia de sentimientos de culpabilidad sobre sus errores pasados, desanimada por la aparente impotencia de su ministerio actual, física y psicológicamente cansada y traumatizada por los prospectos de una disminución considerable en su función futura en la sociedad y en la vida personal de sus miembros. A esta iglesia estancada, que parece ir retirándose de las fronteras de la historia y entrar en un nuevo aislamiento religioso, Jesús le dice: ‘Vengan conmigo y los haré pescadores de hombres’”.

seus projetos de crescimento, atividades sociais ou programas missionários,<sup>401</sup> mas na forma em que se torna capaz, como comunidade de discípulos, de se inserir na missão de Jesus.<sup>402</sup>

### 4.2.3.

#### O seguimento como obediência a Jesus

O Novo Testamento acentua que o imperativo da obediência é o que dá sentido ao chamado e a promessa de “pescar homens”. Em outras palavras, a obediência em tudo o que o Senhor ensinou é a meta última do discipulado (Mt 28.20).

É preciso, no entanto, uma reapropriação do significado escriturístico de obediência, que não representa uma aceitação obtusa a leis inflexíveis e muito menos conformidade a uma ideologia rígida. Obedecer, na tradição bíblica, significa inclinar os ouvidos, escutar em fé e responder pela fé a interpelação da palavra de Deus.

Retomando as afirmações do apóstolo Paulo, entende-se que a obediência perfeita de Jesus Cristo (Rm 5.19) torna possível que seus seguidores sejam capazes de romper com o regime de desobediência que produz a injustiça e se submetam a obediência ao reino de Deus e sua justiça (Rm 6.6).

Pela graça salvadora de Jesus Cristo, adquirimos o dom da obediência ao senhor da História; somos capacitados a submeter-nos à palavra de Deus e ser dirigidos por seu Espírito (Rm 8.1ss; 15.18-19; 16.25-26). A obediência ao reino de Deus

---

<sup>401</sup> As igrejas locais, como organizações estáticas, têm existido como comunidades paralelas, e muitas vezes até diametralmente opostas, a sociedade em que estão inseridas. A consagração das formas, dos estilos, dos modelos tem levado a celebração do centripetalismo, onde a igreja local reveste-se de opulência, sabedoria humana e empatia a fim de ser escolhida por aqueles que procuram uma nova alternativa. E o desafio é oferecer algo melhor, um louvor “ungido”, uma palavra “aceitável”, uma diaconia imediatista, e assim estar pronto a superar as “concorrentes” conseguindo mais “almas” para seu rol de membros. Richard Shaull chama a atenção ao fato de que “o programa da igreja local converteu-se num meio pelo qual os cristãos são arrancados de sua inserção no mundo onde Deus está operando, para se tornarem parte de uma instituição religiosa. Quando nossos templos, organizações e programas se expandem, nossa prisão chega a ser maior ainda. No meio de um mundo dinâmico, vemo-nos tão atados a uma institucionalização da nossa fé, que o mundo se afasta de nós e cada vez mais ausentes estamos dos lugares onde se levantam as verdadeiras questões da vida e morte para o homem moderno e para a nossa sociedade”. (Cf. SHAULL. **De Dentro do Furacão**, p. 142).

<sup>402</sup> Carl Hahn destaca que “as igrejas evangélicas (sic) brasileiras estão necessitadas de mais profunda e mais completa compreensão da natureza e missão da Igreja. Isto envolverá uma longa visão retrospectiva do caminho que a Igreja percorreu, das experiências por que passou e as lições aprendidas”. Cf. HAHN, C. J. **História do Culto Protestante no Brasil**. São Paulo: ASTE, 1989, p. 366.

é, portanto, fruto da graça revelada em Jesus Cristo. Não é uma pré-condição para a experiência da salvação, mas uma parte e parcela dela; não só um de seus frutos visíveis, mas sua verificação histórica.<sup>403</sup>

A experiência de humanização se dá por intermédio do conhecimento desta palavra. Nas Escrituras este conhecimento não é meramente algo racional, intelectual, mas experiencial. Se dá em uma experiência vivencial e relacional.

A radicalidade da vivência do reino de Deus, segundo o Novo Testamento, sinaliza que o conhecimento de Cristo se revela como algo que realiza não em nossa capacidade de articular respostas corretas, mas na capacidade de assumir um compromisso de amor com Deus, com a humanidade e com a criação.<sup>404</sup> Nosso testemunho, portanto, não se orienta pelo que sabemos, mas por quem amamos e pelo que esperamos.<sup>405</sup>

A esperança do reino se converte em chamado à obediência ao projeto do reino, assim esta obediência se manifesta em santidade<sup>406</sup> e em amor-serviço, em uma práxis que se expressa em nossa participação na transformação do mundo.

Assim como Jesus Cristo se encarnou em nossa realidade para nos transmitir a palavra de Deus, também somos convidados a nos identificar com profundidade com nossa realidade a fim de que nos aproximarmos dos nossos

---

<sup>403</sup> COSTAS, O. **O pecado e a salvação na América Latina**, p. 113. Também analisando a visão paulina, Karl Barth destaca que “estar existencialmente à disposição de Deus significa que, positivamente, também os membros do nosso corpo carnal estão sob o invisível poder transformador da obediência, que faz a conversão de todas as nossas possibilidades, anulando-as para que em nossos membros, (justamente onde o pecado exerce o seu domínio mediante a morte) passe a reinar a graça mediante a justificação divina e pela realidade criativa do perdão, esse perdão que Deus nos concede ‘não obstante’ o que somos e pelo qual ele se revela a nós, aceita-nos e nos toma para si, a fim de que o nosso corpo mortal, em toda sua dubiedade, sua desvalia, glorifique a Deus, seja um vaso de honra e arma de retidão (Cf. BARTH, K. **Carta aos Romanos**. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 324).

<sup>404</sup> Cf. COSTAS, O. **Evangelización contextual**, p. 16. Agenor Brighenti completa: “Ser cristão não consiste em crer em certas verdades ou acusar recepção de determinados conteúdos, mas é, antes de tudo, um modo de viver, dar testemunho de uma diferença que, por ter sido acolhida, faz diferença, ou melhor, uma diferença que é condição para acolher a diferença” (Cf. BRIGHENTI, A. **A Pastoral dá que Pensar: A Inteligência da Prática Transformadora da Fé**. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 64).

<sup>405</sup> Cf. MÍGUEZ, N. **Desafios éticos y Pastorales**. Porto Alegre: CLAI, 1992.

<sup>406</sup> John Mackay ressalta que “a maior parte das pessoas entendem mal o significado da santidade cristã. Muitos outros que a entenderam, tem decidida antipatia por tudo quanto ela quer dizer. Os santos no Novo Testamento não são pessoas que se distinguem pelas práticas ascéticas no domínio de seus corpos, nem ainda pela capacidade de vãos e arrebatamentos místicos. São simples e unicamente, como já têm sido chamados, ‘homens e mulheres de Cristo’. Sentindo que pertencem a Cristo, reconhecem o privilégio e aceitam a obrigação de realizarem na vida as mais extremas implicações da vida cristã” (MACKAY, J. A. **A Ordem de Deus a Desordem do Homem – A Epístola aos Efésios e a Época Atual**. São Paulo: União Cristã de Estudantes e Confederação Evangélica do Brasil, 1959, p.119).

irmãos e irmãs com o real interesse de escutá-los e compreendê-los, para depois disso evangelizá-los.

Por isso é que todo esforço evangelizador leva implícito um convite à obediência da fé, em nome do Deus que reina em graça e justiça.<sup>407</sup> Levando em conta que a meta central do serviço evangelizador é a libertação da situação de não-salvação e a restauração da plena humanidade em Jesus Cristo, a obediência em fé é que conduz a plenificação deste novo humano. A função fundamental das Escrituras é capacitar-nos a “compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento, para que vocês sejam cheios de toda a plenitude de Deus” (Ef 3.18-19).

Assim, um resultado tangível desta experiência é a capacidade de amar e ser amado. Um princípio fundamental para entendermos a vontade de Cristo em nossa existência, portanto, é o princípio do amor. Uma questão deve nortear esta percepção: como nossos contextos particulares possibilitam uma melhor compreensão do amor de Cristo, e quais são as formas mais eficazes de expressar este amor?<sup>408</sup>

Em resposta a esta questão reafirmamos a dimensão trinitária que perpassa uma ação evangelizadora que se pretende culminar em um real seguimento de Jesus. O seguimento de Jesus tem como moldura o reino de Deus, implica em ser e viver como Jesus e se torna possível pelo Espírito que atualiza Jesus na história.<sup>409</sup>

Ensinar é comunicar, e para que haja comunicação é necessário haver referência constante a memória. O próprio Jesus de Nazaré afirmava que toda a

<sup>407</sup> COSTAS, O. *Liberating News*, p. 48.

<sup>408</sup> Id. *Compromiso y Misión*, p. 58.

<sup>409</sup> O próprio Jesus acrescenta um ingrediente importante a este processo com o mandamento de “negar-se a si mesmo”. É importante acentuar que esta orientação não implica a aniquilação do “eu”, e a conseqüente perda da própria identidade. O que Jesus deseja de cada um de seus seguidores é a aceitação da dependência absoluta, da submissão e entrega a Deus. Quando Paulo diz “logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2.20), não quer dizer que sua personalidade foi absorvida pelo Ser divino. Paulo se encontra no clímax de sua obra missionária e no exercício pleno de seu ego. Negar-se a si mesmo significa negar ao “eu” a possibilidade de se converter em um absoluto, em um ídolo. Em outras palavras, negar-se a ser um deus, aceitar a dependência absoluta do Deus verdadeiro no exercício da liberdade conferida pelo evangelho, e ser consciente da responsabilidade inerente a essa liberdade. Quando o “eu” se transforma em absoluto, o indivíduo cai em idolatria. O orgulho é uma das claras manifestações dessa idolatria, pois é o convencimento de um indivíduo de que é superior aos outros. Em seu pecado, considera-se a medida de todas as coisas. A única cura para esse pecado refinado é a humildade. Por isso Paulo aconselha a humildade exatamente como foi vivida de forma arquetípica por Jesus Cristo (Fp 2.1-11). Ver LEÓN, J. *A Caminho de uma Evangelização Restauradora*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

sua vida e ministério foram perpassados pela ação dinâmica do Espírito Santo. E o mesmo acontece com os seus discípulos, já que o seguimento de Jesus também ocorre pela ação dinâmica do Espírito Santo.

O Espírito Santo atua no seguimento de Jesus como a força dinâmica que possibilita a tradução da verdade de Cristo às situações concretas da vida humana. Mas ele não atua como uma força impessoal, como uma energia cósmica, mas como a pessoa divina que nos leva a refletir sobre as opções, atitudes, sentimentos e ações que o próprio Jesus teria e faria hoje.

Além disso, o Espírito Santo nos desafia a, no seguimento de Jesus, compreender e buscar os sinais de sua presença em ações concretas. Deste modo, para compreender a vontade de Cristo em nossas respectivas situações de vida, necessitamos de sensibilidade a ação do Espírito como agente de justiça e amor que nos convida a encarnar a verdade do evangelho em nossas relações sociais e pessoais.<sup>410</sup>

As palavras de Costas ilustram bem esta tarefa. Segundo ele,

A fim de traduzir adequadamente os ensinamentos de nosso Senhor a nossas respectivas situações de vida, temos que desenvolver uma profunda familiaridade com elas. Para isso, precisaremos experimentar uma inserção crítica em nossa realidade. Precisaremos estar pessoalmente informados e envolvidos nos problemas candentes da sociedade. Precisaremos estar conscientes dos fatos que estão por detrás dos problemas globais e particulares do dia a dia, e do impacto destes sobre a vida de nosso próximo. Em tudo isso, teremos de estar com os olhos da fé bem abertos, refletindo sobre a significação teológica de tal assunto a luz das Escrituras, agindo no amor de Cristo e o ministério de iluminação do Espírito Santo.<sup>411</sup>

Por fim, podemos relacionar uma série de desafios que se apresentam no que se refere ao discipulado missionário. O primeiro deles é o desafio pessoal, ou seja, o compromisso de cada discípulo e discípula em se tornar discípulo missionário. Ainda que estes experimentem uma formação integral, querigmática

---

<sup>410</sup> COSTAS, O. **Compromiso y Misión**, p. 59. Isto nos remete a radicalidade da afirmação joanina: “Desta forma sabemos quem são os filhos de Deus e quem são os filhos do Diabo: quem não pratica a justiça não procede de Deus, tampouco quem não ama seu irmão” (1 Jo 3.10).

<sup>411</sup> Id. *Ibid.*: “A fin de traducir adecuadamente las enseñanzas de nuestro Señor a nuestras respectivas situaciones de vida, tenemos que desarrollar una profunda familiaridad con ellas. Para eso necesitaremos experimentar una inserción crítica en nuestra realidad. Necesitaremos estar personalmente informados y involucrados en los problemas candentes de la sociedad. Necesitamos estar conscientes de los hechos que están tras los problemas globales y particulares del día, y el impacto que ellos estén realizando sobre la vida de nuestros prójimos. En todo esto, tendremos que tener bien abiertos los ojos de la fe, reflexionando sobre la significación teológica del asunto a luz de la Escritura, su llamado a crecer en el amor de Cristo y el ministerio de iluminación del Espíritu Santo”.

e permanente cabe a eles optarem pela adesão, pela escolha de assumirem-se como discípulos missionários.<sup>412</sup> O engajamento na missão, mais do que uma instrução consistente, torna-se um desafio.<sup>413</sup>

O ser humano, criado à imagem de Deus, é um indivíduo condicionado a vida de amor e fraternidade. E mais, sua vida no Pai possibilita a compreensão da imagem de Deus no outro, o que gera um profundo espírito de liberdade. E é esta liberdade dinâmica e ativa, desprendida da escravidão do egocentrismo, que pode nos fazer vencer a letargia e a indiferença, e nos tornar instrumento da graça e do amor de Deus na vida do próximo.

Outro desafio se configura no âmbito institucional, que é o de converter as instituições cristãs que estão longe de ser missionárias. Os centros de formação, por exemplo, preparam, quer no ambiente protestante e no católico-romano, um clero voltado para administração e manutenção. Muitas instituições da igreja estão comprometidas com autopromoção, e neste autocentramento se encontram totalmente alienadas da realidade humana.

A teologia ensinada nos seminários e centros de formação deve não só enfatizar um conhecimento intelectual de Deus, mas também a teologia da cruz, que torna os fiéis a semelhança de seu Mestre, uma teologia da fé, que vence o mundo e pelas misericórdias do Senhor visa transformá-lo. Uma teologia no Espírito que supere a tendência especulativa e se realize de maneira criativa e dialógica.<sup>414</sup>

---

<sup>412</sup> O documento de Aparecida acentua com clareza que “a pessoa humana é, em sua própria essência, o lugar da natureza para onde converge a variedade dos significados em uma única vocação de sentido. As pessoas não se assustam com a diversidade. O que de fato as assusta é não conseguirem reunir o conjunto de todos esses significados da realidade em uma compreensão unitária que lhes permita exercer sua liberdade com discernimento e responsabilidade. A pessoa sempre procura a verdade de seu ver, visto que é a verdade que ilumina a realidade de tal modo que possa nela se desenvolver com liberdade e alegria, com prazer e esperança” (DA 42).

<sup>413</sup> Para isto a leitura exortativa e encorajadora do documento de Aparecida resume os sentimentos do discípulo missionário em somente um: a alegria. “Neste encontro com Cristo, queremos expressar a alegria de sermos discípulos do Senhor e de termos sido enviados com o tesouro do evangelho. Ser cristão não é uma carga, mas um dom: Deus Pai nos abençoou em Jesus Cristo seu Filho, Salvador do mundo” (DA 28). É compreensível a menção a alegria do discipulado (DA 28, 29) como prelúdio para a missão de evangelizar (DA 30-32), que se resume na afirmação de que “a Igreja deve cumprir sua missão seguindo os passos de Jesus e adotando suas atitudes” (DA 31).

<sup>414</sup> Neste sentido o fazer teológico concebe Deus não como um objeto de estudo abstrato, mas como alvo de fé, que conduz a comunidade de fé na prática de sua missão. Segundo Boff a função do teólogo é dupla: “por um lado é membro da comunidade que possui uma bagagem rica de conhecimentos bíblicos e doutrinários, úteis para ajudar na compreensão da fé dos fiéis, dos problemas por ele suscitados, nas exigências de justificação da própria fé e esperanças cristãs; por outro lado é membro da comunidade que ajuda a captar as questões relevantes da realidade histórico-social e a pensá-las à luz do Evangelho e da teologia. Na primeira é antes um professor

A graça soberana de Deus requer uma educação teológica que a expresse de forma vibrante. Que nunca se enrede nas institucionalizações descontextualizadas, e que anseie por uma práxis cristã fiel a todo conselho de Deus. E para que isso ocorra é de fundamental importância que passemos a desenvolver uma educação teológica capaz de superar a herança dualista e estéril de nossa teologia.

É necessário o desenvolvimento de uma teologia prática que seja capaz de reafirmar a universalidade da fé cristã na particularidade das igrejas locais, acender um diálogo entre a hierarquia e as bases da Igreja, entre a Igreja e o mundo em que está inserida e entre a teologia e as demais ciências.

Por fim, o convite ao discipulado missionário nos alerta para um desafio teológico, para a necessidade de desenvolvermos uma saudável teologia do laicato. Sem dúvida, questões como ordenação de mulheres, ministração de atos pastorais por intermédio de líderes não ordenados, entre outros fatos, poderiam ser melhor resolvidos se a Igreja se preocupasse com a reflexão bíblico-teológica acerca dos papel dos leigos.<sup>415</sup>

Moltmann acentua esta importância ressaltando que uma teologia do futuro, que já se tornou presente, já não será apenas uma teologia para os mestres e pastores, mas também para os leigos. Para ele, esta não se dirigirá unicamente ao serviço divino na Igreja, mas também ao serviço divino na vida cotidiana no mundo. Sua implementação prática incluirá a pregação e a adoração, os deveres pastorais e a comunidade cristã, mas também a socialização, a democratização e a educação.<sup>416</sup>

Como tarefa hermenêutica, o fazer teológico, entendido como ação comunicativa dos cristãos movidos pela fé,<sup>417</sup> pressupõe uma reflexão que sempre

(doutor), na segunda um intérprete (profeta). Sua função é explicitar a fé da comunidade, aprofundá-la, redizê-la dentro de uma codificação atual, de tal forma que a fé mantenha seu enraizamento no passado e, ao mesmo tempo, incida sobre as questões vitais do presente”. Cf. BOFF, L. **Novas Fronteiras da Igreja**. O Futuro de um povo a Caminho. Campinas: Verus, 2004, p. 160.

<sup>415</sup> É importante ressaltar que não é necessário estabelecer um novo modelo de igreja a fim de solucionar estas questões, basta apenas uma reflexão teológica que avalie com profundidade a noção tradicional acerca da ministerialidade da Igreja.

<sup>416</sup> MOLTSMANN, J. **El Experimento Esperanza**. Salamanca: Sígueme, 1977, p. 11.

<sup>417</sup> Cf. SCHNEIDER-HARPPRECHT, C. **Teologia Prática no Contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal/ASTE, 1998, p. 59.

se reconhece inacabada, uma teologia que se realiza no caminho, que se encontra sempre na encruzilhada.<sup>418</sup>

Assim como é possível refletir sobre a natureza do ministério ordenado, é necessário criar subsídios para que a Igreja possa refletir sobre a natureza do serviço dos leigos. Se o ministério oficial ordenado é essencialmente bíblico, o ministério dos leigos também encontra total respaldo bíblico, principalmente no que se refere ao sacerdócio universal dos crentes. Para John Mackay, todo cristão é chamado para ser ministro, servo, sacerdote. O seu supremo oferecimento deve ser de si mesmo e do seu serviço a Cristo e a humanidade. Tal oferta não pode se realizar por procuração. Somente pode ser feita pessoalmente e de tal maneira que a realidade do lavar os pés, o sofrimento da cruz e o poder da ressurreição entrarão todos nela.<sup>419</sup>

O conceito bíblico do sacerdócio dos santos envolve dois aspectos: o primeiro é que cada cristão, por meio de Jesus Cristo (Hb 8.10-11; 10.19-22), pode chegar-se a Deus sem a necessidade de outro mediador. E, principalmente, o segundo é que cada cristão, pelo fato de ser membro do corpo de Cristo, tem uma função, um ministério e uma missão particular a cumprir. No entanto, o que ainda se vê na práxis protestante latino-americana é uma herança norte-atlântica baseada em um autêntico “pastorcentrismo”.<sup>420</sup>

Na visão de Costas “a Grande Comissão não é responsabilidade de uma casta seleta dentro da Igreja, mas de cada crente, não importa o quanto humilde ou

---

<sup>418</sup> Agenor Brighenti pode ilustrar esta afirmação. Segundo ele, em nossa permanente busca por conhecer a verdade revelada de Deus devemos entender que o que “Deus comunica não implica uma resposta pronta, pois a revelação não é um ‘depósito’, um repertório de respostas. As respostas dependem das perguntas com as quais eu saio e me coloco a caminho, em êxodo, ao encontro da revelação”. Cf. BRIGHENTI. **A Pastoral dá o que pensar**, p. 63.

<sup>419</sup> MACKAY, J. Christianity's Essential Image in **Theology Today**. Vol. XVI, n° 02, 1959, p.118.

<sup>420</sup> Esta expressão é usualmente utilizada no ambiente eclesial, mas também pode ser encontrada na academia teológica protestante. A conotação que damos aqui se alinha a compreensão do teólogo Christoph Schneider que a utiliza em referência a distinção entre clero e leigos e a profissionalização nos ministérios da Igreja. Quando afirmamos que as igrejas protestantes seguem, em sua maioria o modelo norte-atlântico, isto significa dizer que as comunidades locais são dirigidas por líderes leigos que vivem sob a orientação de profissionais especialistas em teologia e ministério. Para Christoph “o profissional é a pessoa que tem acesso ao saber e, por isso, assume uma posição de poder na comunidade. existe uma tendência a deixar a responsabilidade pelo trabalho sobre os ombros dos especialistas, enquanto o povo de Deus continua mal informado e espiritualmente imaturo.” Cf. SCHNEIDER-HARPPRECHT. op. cit., p. 42.

ignorante seja. Cada cristão é um ministro de Jesus Cristo, e, portanto, é chamado a participar na obra redentora de Deus no mundo”.<sup>421</sup>

E a base da teologia do laicato consiste em reavaliar as relações entre a vida pública e a privada, enfatizar o fato de que o ministério cristão não é simplesmente falar, mas viver, e ressaltar que cada fiel deve exercer seu ministério de acordo com as circunstâncias particulares em que se encontra.

É importante retomar a noção de que o ministério cristão, especificamente como manifestação de carismas, de dons e não como “*status* clerical”, encontra seu âmago no ministério do Espírito Santo, como dissemos acima, que equipa os crentes oferecendo-lhes dons para o bom desempenho de seu serviço.<sup>422</sup>

À luz dos novos desafios, a Igreja deve repensar, “a própria maneira desta comunidade se organizar, celebrar a sua fé, fundamentar-se em estruturas institucionais, determinar a participação de seus membros, repartir tarefas, administrar a disciplina e o poder, relacionar-se com outras igrejas e etc”.<sup>423</sup>

Foi o apóstolo Paulo, escrevendo aos Efésios (4.7-15), quem melhor descreveu esse processo de capacitação da Igreja para o ministério de Cristo. Em resumo, Paulo declara que Cristo, em Sua plenitude como Cabeça da Igreja, concede dons especiais, recursos humanos cuja função suprema é equipar “os santos”, ou o povo de Deus de forma que eles possam servir ao reino.

---

<sup>421</sup> COSTAS, O. **La Iglesia y su Misión Evangelizadora**, p. 65: “La Gran Comisión no es responsabilidad de una casta selecta dentro de la Iglesia, sino de cada creyente, no importa cuán humilde o cuán ignorante sea. De modo que cada cristiano es un ministro de Jesucristo, y, por lo tanto, está llamado a participar en la obra redentora de Dios en el mundo”.

<sup>422</sup> Christian Schwarz, especialista em crescimento da Igreja, ressalta que nos últimos anos a forma de trabalho orientada pelos dons e carismas foi mal interpretada como sendo um modismo entre os métodos de crescimento da igreja no ambiente protestante. Com isso perdeu-se o ponto central da questão, ou seja, a descoberta de que o uso dos dons espirituais é a única possibilidade de colocarmos em prática novamente o conceito dos reformadores do “sacerdócio universal dos crentes”. Porém, como um programa desses pode ser transformado em realidade se os cristãos nem mesmo sabem em que área Deus os capacitou e, conseqüentemente, também chamou (cf. SCHWARZ, C. **O Desenvolvimento Natural da Igreja**. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1999, p. 24).

<sup>423</sup> MIRANDA, M. F. A Eclesiologia do Documento de Aparecida in **REB** 268, Outubro/2007, p. 849. O prof. França Miranda faz aqui referência ao âmbito católico romano aludido no documento de Aparecida, mas esta exortação se enquadra perfeitamente no protestantismo latino-americano.

### 4.3.

## A Evangelização diante dos desafios dos novos movimentos religiosos

O retraimento da modernidade representou o asfixiamento do discurso sobre Deus, e abriu espaço para “novas” teologias e práticas pastorais que atestam que o fato religioso possui uma capacidade regenerativa que se processa constantemente. Rubem Alves sintetiza a impressão que todos temos de que

quando tudo parecia anunciar os funerais de Deus e o fim da religião, o mundo foi invadido por uma infinidade de novos deuses e demônios, e um novo fervor religioso, que totalmente desconhecíamos, tanto pela sua intensidade quanto pela variedade de suas formas, encheu os espaços profanos do mundo que se proclamava secularizado.<sup>424</sup>

Em momento anterior chamamos a atenção para os desafios de plausibilidade pelos quais tem passado a Igreja cristã no contexto da pós-modernidade. Neste ponto queremos chamar a atenção para os desafios que têm sido impostos à fé cristã, em sua ação querigmática, mas que advêm dos novos movimentos religiosos<sup>425</sup> que surgem como filhos da pós-modernidade.<sup>426</sup>

<sup>424</sup> Cf. ALVES, R. **O Enigma da Religião**. Campinas: Papiros, 1988, p. 36.

<sup>425</sup> Reconhecemos que o ambiente religioso pós-moderno sinaliza o aparecimento de diversas correntes religiosas, tais como os movimentos neofundamentalistas, aqueles influenciados pela Nova Era, os de orientação étnica, entre outros. Mas aqui vamos tratar dos movimentos e grupos que se orientam a partir de um viés neopentecostal/carismático. Estes movimentos ocorrem não somente com o surgimento de novas comunidades religiosas, mas também se alastram dentro da Igreja Católica-romana e nas igrejas protestantes históricas e pentecostais. Neste sentido falamos de uma “religiosidade neopentecostal”. Nesta pesquisa optamos pela designação “neopentecostal” por ser a mais usual. No entanto tal movimento recebe uma série de nomenclaturas que vão desde o neopentecostalismo (MARIANO, R. **Neopentecostais**. Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1995), a “pentecostalismo de segunda e de terceira ondas” (FREESTON, P. **Protestantes e política no Brasil**. Da constituinte ao *impeachment*. Campinas: UEC, 1993), “pentecostalismo autônomo” (BITTENCOURT, J. Remédio amargo in ANTONIAZZI, A. et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Vozes, 1994: Petrópolis, 1994), “pós-pentecostalismo” (SIEPIERSKI, P. Pós-Pentecostalismo e Política no Brasil in **Estudos teológicos**, ano 37, nº 1, 1997), “agência de cura divina” (MONTEIRO, D.T. Igrejas, seitas e agências: aspectos de um ecumenismo popular in VALLE, E. (org.), **A cultura do povo**. São Paulo: Educ, 1979), “sindicato de mágicos” (MENDONÇA, A.G. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos**. O campo religioso e seus personagens. São Bernardo do Campo: UMESP, 1997).

<sup>426</sup> José Follman ilustra esta questão: “Mesmo que se possa dizer que a história da humanidade é uma história de construção de grandes tradições religiosas, vivemos em um momento especial de surgimento e de afirmação de uma multiplicidade de pequenas iniciativas religiosas [...] Existem religiões que nasceram em consonância com a atual cultura de mercado, e sua metodologia é muito favorável a uma rápida expansão [...] O fenômeno neopentecostal faz-nos lembrar de um outro fenômeno religioso de forte expansão que é o da religiosidade de *arranjo pessoal*, juntamente com o crescente número dos que se declaram *sem-religião*. São identidades religiosas que se criam e costuram à revelia do disciplinamento institucional das religiões que, em geral, chamam ao compromisso comunitário” (FOLLMANN, J.I. O mundo das Religiões e Religiosidades: alguns

Como afirma Danièle Hervieu-Léger, diante desta reconfiguração da existência,<sup>427</sup> “a oposição entre as contradições do presente e o horizonte de uma realização futura cria, no próprio coração da modernidade, um espaço de expectativas, no qual se desenvolvem novas formas de religiosidade que permitem ultrapassar essa tensão: novas representações do ‘sagrado’ ou apropriações renovadas das tradições das religiões históricas”.<sup>428</sup>

Schillebeeckx identifica, com precisão, o atual desafio da fé cristã, em se tratando da incorporação de novos bens às experiências de fé. Para ele, a complexidade da sociedade moderna demanda que diversifiquemos a oferta das experiências cristãs de sentido, o que provavelmente representa a única alternativa para uma socialização religiosa da fé cristã nos dias atuais.<sup>429</sup>

A pós-modernidade revela que as instituições religiosas tradicionais perderam sua força, e como consequência vemos o sagrado “solto, entregue às vivências pessoais, individuais em processos crescentes de privatização e individualização”.<sup>430</sup>

Michel Meslin, antropólogo da religião, acredita que a religião tem a capacidade criativa de, ante as novas realidades socioculturais, prover nova configuração ao sagrado, incorporando em sua crença novos bens produtores de sentido à fé. Com isso, a religião consegue superar os vácuos, ou acomodações, culturais a que está submetida. Para ele,

Os laços que regem as relações entre religião e cultura são tão complexos quanto inevitáveis, ora marcados por uma violenta oposição, ora por um desejo real de

---

números e apontamentos para uma reflexão sobre novos desafios. In: **Religião, Cultura e Educação**. São Leopoldo: Unisinos, Coleção Humanitas. 2006, p. 12-13).

<sup>427</sup> É importante lembrar que ao mesmo tempo em que apregoava a morte de Deus, Nietzsche profetizava que a sua sombra continuaria a se projetar sobre o mundo e sobre a humanidade. De certa forma, concebia que a superação da metafísica não iria eclipsar o surgimento da religião das cinzas da modernidade. Vattimo assevera que “[...] o Deus moral, isto é, o fundamento da metafísica, morreu e foi enterrado [...] foi a própria morte deste Deus o que abriu o caminho para uma vitalidade renovada da religião [...] E, pois bem, hoje parece que um dos principais efeitos filosóficos da morte do Deus metafísico e do descrédito geral, ou quase, em que caiu todo o tipo de fundamento filosófico, foi justamente o de ter criado um terreno fértil para uma possibilidade renovada da experiência religiosa.[...] É um pouco como se, no final, Nietzsche tivesse razão ao preconizar a criação de muitos novos deuses: na Babel do pluralismo de fins da modernidade e do fim das metanarrativas, se multiplicam as narrativas sem um centro ou uma hierarquia”. (Cf. VATTIMO, G. **Depois da Cristandade**: por um cristianismo não religioso. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 24-25).

<sup>428</sup> HERVIEU-LÉGER, D. **O Peregrino e o Convertido**, pp. 44,45.

<sup>429</sup> SCHILLEBEECKX, E. Experiencia y Fe in **Fe Cristiana y Sociedad Moderna**. Madrid: Ediciones, 1980, p. 132.

<sup>430</sup> LIBÂNIO, J. B. O sagrado na pós-modernidade in COLIMA, C (Org.). **A sedução do sagrado**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 62.

aproximação. A própria história dessas relações coloca o problema capital da autonomia eventual de uma com relação à outra, em nossas sociedades modernas.<sup>431</sup>

Neste atual momento, onde o movimento e a escolha são determinantes, onde a crença não está diretamente relacionada à pertença, onde a secularização dita as normas,<sup>432</sup> Hervieu-Léger conclui que “as crenças disseminam-se. Conformam-se cada vez menos com os modelos estabelecidos. Solicitam cada vez menos práticas controladas pelas instituições”.<sup>433</sup>

Deste modo, “o crente moderno não se contenta em escolher a sua fé: ele pretende ao mesmo tempo escolher a sua comunidade, se é que sente necessidade de ter uma”.<sup>434</sup>

Não é tarefa árdua identificar alguns aspectos que configuram este novo cenário religioso de nosso tempo, e os valores que têm, de modo geral, orientado as novas práticas religiosas no ambiente cristão pós-moderno. Em um horizonte pluralista, e por isso mesmo marcado pela superficialidade, vacuidade e provisoriidade, o caldo religioso que campeia nossa cultura é uma tentativa de oferecer resposta a uma sociedade desesperançada que, em sua maioria, é composta de homens e mulheres que experimentam um vazio existencial.<sup>435</sup>

---

<sup>431</sup> MESLIN, M. **A experiência humana do divino**. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 52. Tomando como exemplo o pentecostalismo, o sociólogo pentecostal Alexandre Carneiro assevera que este movimento atravessou três momentos de incorporação de bens produtores de sentido à sua crença, e que o diferencia do protestantismo de missão. Estas incorporações, “radiografam um processo de passagens no pentecostalismo e trazem à tona fatos que demonstram uma transição permanente e contínua construção de identidade, mediante a qual a visão pentecostal vai se deslocando em um estado de alienação do mundo secular e assimilando estádios de consciência sobre o funcionamento da sociedade” (Cf. SOUZA, A.C. **Pentecostalismo: De onde vem, para onde vai?** Um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira. Viçosa: Ultimato, 2004, p. 37).

<sup>432</sup> Há pouco mais de 20 anos, Rouanet já afirmava que a realidade pós-moderna é “um cotidiano em que a máquina foi substituída pela informação, a fábrica pelo *shopping center*, o contato de pessoa a pessoa pela relação com um vídeo. A estética impregna os objetos, para que eles se tornem mais atraentes. O apelo da publicidade estetizada envolve a personalização e a erotização do mundo das mercadorias: o homem é seduzido pelo objeto para se integrar no circuito do capitalismo como obra de arte. O mundo social se desmaterializa, passa a ser signo, simulacro, hiperrealidade”. (Cf. ROUANET, P. S. **As Razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 233).

<sup>433</sup> HERVIEU-LÉGER, D. **O Peregrino e o Convertido**, p. 56.

<sup>434</sup> Id. *Ibid.*

<sup>435</sup> Seu rótulo é o que Jair Santos já definia como o *Narciso dessubstancializado*. Para ele, “narcisismo (amor desmedido pela própria imagem) e a dessubstancialização (falta de identidade, sentimento de vazio) resumem o sujeito pós-moderno. [...] Em sociedades movidas a informação acelerada, o sujeito também vira signo em alta rotação, sem substância por baixo. Os valores foram trocados pelos modismos, os ideais, pelo ritmo cotidiano. Saturado de consumo e informação, ele encosta-se ao conformismo, refletindo a famosa apatia pós-moderna. Sem laços ou impressões fortes, sua apatia logo cai na depressão e na ansiedade, ambas melancólicas. A melancolia, sentimento frio, é o último grau de apatia - a doença da vontade - prevista por

Esta geração é produto de uma cultura marcada pela predominância do poder econômico, que tem nas leis de mercado sua cartilha de orientação para as mais variadas instâncias de relação da pessoa humana (Deus, o próximo, consigo mesmo e com a criação).<sup>436</sup> Em conformidade com esta afirmação, José Comblin ressalta que neste mercado religioso,

Há muita demanda religiosa e muitas religiões oferecem métodos de terapias religiosas ou caminhos para a felicidade. Daí a tentação de entrar nessa competição. Quem quer fazer sucesso procura temas cristãos que possam triunfar no mercado, satisfazendo a uma demanda. Há uma tendência muito forte nesse sentido por parte dos movimentos carismáticos e mesmo dos movimentos nascidos na geração passada. Oferecem um evangelho ‘ao gosto do consumidor’ – como dizia um sacerdote missionário ancião que viveu muitos anos no Brasil.<sup>437</sup>

Assim como todos os valores e bens da sociedade, as tradições religiosas se encontram “como que numa sociedade de mercado, tendo que conquistar seus adeptos, perplexos diante da variedade de opções oferecidas [...] A leitura funcionalista da religião centra a atenção no emprego da mesma para satisfazer necessidades sociais e pessoais”.<sup>438</sup>

A fé se tornou um bem comercializável, que atende as leis de mercado, o sagrado um produto a ser controlado (consumido) pelo desejo narcisista. A religião um bem de consumo apresentado nas prateleiras da sociedade sob as diversas formas e expressões.<sup>439</sup>

Outro aspecto, que mais tem afetado as novas orientações religiosas na pós-modernidade é seu agudo teor de antropocentrismo, onde na maioria das vezes Deus é concebido à imagem e semelhança de seus adoradores.

A pós-modernidade constitui-se em uma nova cartografia do social, cujo centro é a fragmentação da subjetividade. Essa fragmentação não pode ser vista apenas como uma nova modalidade de subjetivação, mas a matéria-prima por

---

Nietzsche para o homem ocidental quando ele fosse o andróide programado pela tecnociência. Temendo a robotização, mas sem projetos sua vida interior é sem substância. Absorvido em si e nostálgico, sempre a analisar-se como Narciso, sua sensação mais comum é de irrealdade”. (Cf. SANTOS, J. F. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 102).

<sup>436</sup> Os meios de comunicação de massa, cada vez mais inundados por programações e canais de cunho religioso, afetam a cosmovisão dos indivíduos a auxiliarem na percepção de que existem opções variadas de “consumo” também na esfera religiosa.

<sup>437</sup> COMBLIN, J. **Vocação para a Liberdade**. São Paulo: Paulus, 1998, p. 10.

<sup>438</sup> MIRANDA, M. F. Verdade Cristã e Pluralismo Religioso in **Atualidade Teológica**, ano VII, no. 13, janeiro/abril de 2003, p. 32.

<sup>439</sup> Cf. BERGER, D. op. cit, p. 149.

meio da qual outras modalidades de subjetivação são forjadas. E em todas elas o “eu” se encontra em posição privilegiada.<sup>440</sup>

O *homo religiosus* é encarado como “[...] a origem, o centro e o termo final da religião. O que era efeito será causa, e a causa será efeito. Deus é um produto humano, porque é a condição humana que dá origem à religião”.<sup>441</sup> E pelo alto teor de mobilidade religiosa este *homo religiosus* pós-moderno tem como expressão principal ser um *homo viator*.

Enfim, a pós-modernidade revela que o ser humano não deixou de ser religioso, pelo contrário, mas as configurações que apresenta é a adesão a uma religião de consumo, orientada por princípios mercadológicos cujo centro é um subjetivismo radicalmente individualista.<sup>442</sup> E esta personalização da experiência religiosa se configura como o novo contexto da evangelização.

Como o ponto fulcral desta tese gira em torno do conceito de evangelização contextual elaborado por Orlando Costas, vale lembrar que a ação pastoral da Igreja corresponde a toda ação que tem como objetivo estabelecer um ponto de contato entre a experiência de fé (internalização, incorporação e atualização) e a vida cotidiana.<sup>443</sup>

Neste sentido, a contribuição de Orlando Costas se mostra relevante por não prescindir da experiência como instância teológica, e ao valorizar a multiplicidade e complexidade gerada pela mesma. A ação evangelizadora contextual e relevante ao contexto pós-moderno não nasce de uma pastoral compreendida a partir de um modelo institucional estático, que objetiva a

---

<sup>440</sup> Cf. BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: A psicanálise e as novas formas de subjetivação. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. Castiñera corrobora com esta visão ao lembrar que “a própria subjetividade individual, pelo menos desde Freud, aparece como um conjunto composto onde cada ultimação parece ser provisória e, portanto, se exclui qualquer possibilidade de uma interpretação em termos de fundamento” (CASTIÑEIRA, A. **A experiência de Deus na pós-modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 27).

<sup>441</sup> Id. Ibid.

<sup>442</sup> Michael Fuss chama a atenção para um fato importante: “depois do ocaso do a-teísmo surge agora uma fase do pré-teísmo; não se nega Deus sistematicamente, mas o problema gira em torno das relações autênticas entre o homem e Deus. Ao buscar uma divindade que habita dentro do homem, as energias cósmicas são instrumentalizadas na tentativa de servir-se de Deus para interesses pessoais. Contentando-se com todos os substitutos possíveis de Deus, não se chega a um encontro vivo com o Deus transcendente” (Cf. FUSS, M. **Seitas e Novos Movimentos Religiosos**. Elementos para ampliar nossa interpretação e pastoral. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2006, p. 69).

<sup>443</sup> COSTAS. **Hacia una pastoral evangélica para el hombre latinoamericano**, p. 111.

manutenção desta estaticidade,<sup>444</sup> mas de uma pastoral que é tão complexa quanto à própria vida.<sup>445</sup>

Assim, torna-se fundamental a noção de que os “espaços” em que o ser humano pode encontrar-se com Deus precisam ser mais dilatados. A Igreja cristã precisa compreender que não somente através de sua liturgia e prática eclesial, mas no mundo, através das experiências cotidianas, o indivíduo pode encontrar o divino.

O serviço evangelizador se revela um elemento capaz de auxiliar o ser humano na descoberta e afirmação de sua identidade. Para Bauman

a incerteza do estilo pós-moderno não gera a procura da religião: ela concebe, em vez disso, a procura sempre crescente de especialistas na identidade. Homens e mulheres assombrados pela incerteza de estilo pós-moderno não carecem de pregadores para lhes dizer da fraqueza do homem e da insuficiência dos recursos humanos. Eles precisam da reafirmação de que podem fazê-lo – e de um resumo a respeito de como fazê-lo.<sup>446</sup>

Mas a evangelização que se quer genuinamente transformadora deve auxiliar os indivíduos na busca, ou (re)descoberta de sua identidade, a partir de um marco interpretativo diferente do apresentado pela cultura do individualismo.<sup>447</sup>

Concebemos então a ação querigmática da Igreja como construtora de pontes que permitam aos homens e mulheres fazer a experiência de Deus, integral e integradora, de maneira pessoal e à luz de suas múltiplas situações vitais.<sup>448</sup> Nosso intento nesta seção é lançar um olhar crítico sobre estes novos movimentos de forma a elucidar, em um primeiro momento, as suas contribuições para a evangelização deste humano que surge no universo pós-moderno, mas também

---

<sup>444</sup> É importante ressaltar que o princípio hermenêutico orientador desta perspectiva é a realidade compreendida pelo viés do reino de Deus.

<sup>445</sup> Id. Ibid.

<sup>446</sup> BAUMAN, Z. op.cit., p. 222.

<sup>447</sup> Schillebeeckx chama a atenção de que uma cultura unilateral, de rendimento, de ação e de consumo pode fazer com que fique de fora do espectro de nossas experiências uma grande parte da realidade (SCHILLEBEECKX. **Experiencia y Fe**, p. 130).

<sup>448</sup> Como afirma Castiñeira, na experiência religiosa, “deve-se falar de uma relação interior do homem com uma realidade invisível que se realiza e que afeta no mais íntimo do sujeito [...] Na experiência religiosa é a pessoa toda que se expõe à presença do Mistério. [...] não é que o homem tenha experiência de Deus, mas que o homem é a experiência de Deus” (CASTIÑEIRA. **A experiência de Deus na pós-modernidade**, p.179).

identificar algumas ausências e fragilidades teológicas que precisam ser revistas.<sup>449</sup>

#### 4.3.1.

#### **A Fé cristã na pós-modernidade: O espírito consumidor e o espírito de consumo**

Diferente da tradição pentecostal clássica que tem sua ancoragem nas manifestações carismáticas do Espírito Santo, a religiosidade neopentecostal tem seu arcabouço na chamada teologia da prosperidade.<sup>450</sup> É possível afirmar que o principal elemento produtor de sentido à fé incorporado pelos novos movimentos marcados pelo neopentecostalismo é a de um *status social* centrado na teologia da prosperidade. Esta teologia nasce no momento em que a Europa e Estados Unidos, entre as décadas de 1960 e 1970, se deparam com uma intensa crise, que Morin denomina de período de agonia cultural.<sup>451</sup>

Com isso, surge uma nova configuração de espaço, onde os resíduos das crenças do passado, combatidas como superstição, passam a ser reutilizados. E a magia, segundo Morin, torna-se uma composição das mercadorias que circulam no mercado contemporâneo.

Os produtos comercializáveis recebem uma carga de suportes eróticos e míticos, onde a relação entre as mercadorias e as massas adota feições de

---

<sup>449</sup> Como afirmam Oro e Seman “os pentecostais tradicionais recriminam-lhe desde o demasiado recurso à teologia da prosperidade até uma flexibilização inusitada em relação à tradição pentecostal; os protestantes históricos criticam o caráter mágico das suas práticas; os umbandistas queixam-se dos ataques recebidos de parte das igrejas que seguem a teologia da guerra espiritual; parte dos católicos contestam-lhe o excessivo utilitarismo e a ênfase à demonização presentes no seu discurso e rituais. Recebe também críticas provenientes de fora do campo religioso. A mídia tende a colocar suspeitas sobre as suas práticas financeiras; alguns partidos políticos expressam receios sobre a sua participação política; certos acadêmicos demonstram indisfarçável estranhamento diante das recomposições e adaptações efetuadas por algumas igrejas” (ORO, A.P. e SEMAN, P. Neopentecostalismo e conflitos éticos. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 1999, p. 39).

<sup>450</sup> Sobre a origem e desenvolvimento da Teologia da Prosperidade ver, entre outros, ORO, A.P.; CORTEN, A. e DOZON, J. (orgs.) **Igreja Universal do Reino de Deus**. Os Novos Conquistadores da Fé. São Paulo: Paulinas, 2003. Mendonça faz um sucinto diagnóstico das principais marcas identitárias do neopentecostalismo que giram em torno, principalmente, das características empresariais de prestação de serviço; o distanciamento da Bíblia; a mudança de comunidade para clientela; o culto dos favores sagrados; e o intenso ambiente de magia. Cf. MENDONÇA, A. G. op.cit., pp. 163-173.

<sup>451</sup> MORIN, E. **Cultura de Massas no século XX** - O espírito do tempo. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

religiosidade. E este é um campo ideal para o surgimento da teologia da prosperidade, que estabelece uma relação entre a religião e o mercado.

Com isto, o cerne da teologia da prosperidade está na convicção de que Deus deseja prover aos fiéis, independente do nível econômico, uma condição de vida cada vez melhor, ainda que isto implique na perpetuação dos desajustes sociais.

#### 4.3.1.1.

#### **O Deus da teologia da prosperidade**

A concepção de Deus apresentada por estes grupos se alinha à concepção presente na fé cristã tradicional, mas revela mais uma “graça” à humanidade. Ele não é apenas o Deus que oferece salvação, consolo e segurança, mas também o Deus da solução imediata, sendo que esta última tende a ofuscar as anteriores. Neste sentido, Deus é buscado não como verdade, mas como uma presença sentida.<sup>452</sup>

O Espírito que provia uma comunhão intensa, que cooperava na tarefa de santificação, que consolava, que disponibilizava poder para as lutas da vida, enfim, que gerava a crença na relação entre Deus, as mulheres e os homens como aspecto basilar na vida, agora, é o Espírito que faz da crença em sua atuação uma mediadora de novas conquistas.<sup>453</sup>

Quem também sofreu uma drástica resignificação foi a imagem do diabo. O mundo está repleto de demônios que não são mais apenas meros impedimentos à santificação e à salvação. Ou seja, os novos movimentos promoveram uma objetivação do diabo, principalmente nas doenças e na pobreza.

O dualismo foi exacerbado, sendo que tudo o que o ser humano faz está sob a direção de Deus ou do diabo. E tudo que afeta a normalidade da vida, como doenças, depressão, desemprego, crises financeiras, etc, é fruto da ação dos espíritos malignos. Contudo, o indivíduo sente que, pela presença ativa do

---

<sup>452</sup> HOTTZ, P.R. O Espírito de Jesus Cristo e o Desafio da Religiosidade Pentecostal in MIRANDA, M.F. (org.) **A Pessoa e a Mensagem de Jesus**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 202.

<sup>453</sup> Por exemplo, o pentecostalismo clássico tinha no êxtase o auge do poder de Deus na vida cristã, o neopentecostalismo agregou a este o sucesso financeiro; os carismas do Espírito eram suporte para a superação do “mundo” (lazer, *status*, etc.), hoje são suportes para se obter estes valores. Tais questões introduzem ampla discussão acerca da relação entre fé e cultura no processo de desenvolvimento do pentecostalismo.

Espírito Santo, ele possui autoridade divina para repreender, expulsar, determinar e reivindicar a libertação.<sup>454</sup> E o objetivo central desta valorização do mal, é a supervalorização do bem, que na esfera atual entra no âmbito da sociedade do espetáculo.

#### 4.3.1.2.

#### A consciência da ação divina

Os novos movimentos religiosos têm sido analisados sob diversas perspectivas como a gestão de poder, a mística do mercado, o empreendedorismo religioso, o comércio religioso, o trânsito religioso, entre outras. Mas o que propomos neste trecho é apresentar o corpo como espaço de atuação e vivência do Espírito.

A revisão de uma “teologia do corpo”<sup>455</sup> é marcante no ambiente pós-moderno. Apesar desta abertura importante, esta visão desafia a Igreja a construção de uma perspectiva unitária do ser humano.

Até recentemente prevalecia a visão de que o corpo merecia apenas uma atitude: a repressão.<sup>456</sup> O corpo representava um problema e devia viver sob constante disciplina. Mas a questão da corporeidade tem assumido um papel importante na teologia recente. Segundo Gumucio, há na religiosidade neopentecostal

Uma ritualidade corporal do canto e das possessões (pelo Espírito Santo, pelos “espíritos”) expressiva e festiva, mediatória e ritual, através da qual – especificamente, por meio do ritmo e do êxtase, de sessões catárticas que envolvem desde a sensibilidade mais epidérmica até o transe misterioso, exercendo e provocando, ao mesmo tempo, atração, medo e reverência em

<sup>454</sup> É comum ouvir apelos como: “amigo meu, já é hora de você se tornar agressivo. Já é hora de gritar: não, você não pode mais levar do dinheiro que Deus quer que seja meu. Você não pode mais me afastar das riquezas que Deus quer que eu controle para ele”. Cf. AVANZINI, J. **A riqueza do mundo. Sistema de transferência de riqueza**. Rio de Janeiro: ADHONEP, 2000.

<sup>455</sup> Valorizando uma leitura interdisciplinar sobre este tema, indicamos a tese de Doutorado escrita por Santiago Pich com o título “*Extra Corporem Nulla Salus*: a encruzilhada entre corpo, secularização e cura no Neopentecostalismo brasileiro”. Sua hipótese é de que o neopentecostalismo re-institucionaliza, na esfera religiosa, os registros da economia e da cura dos indivíduos, e localiza a salvação na tensão entre a imanência e a transcendência, dando primazia à imanência. Assim, o corpo é o espaço atravessado pelos diferentes vetores teológicos do neopentecostalismo, e nele se realiza uma experiência salvífica imanente. Cf. PICH, S. **Extra Corporem Nulla Salus**: a encruzilhada entre corpo, secularização e cura no Neopentecostalismo brasileiro. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC, 2009.

<sup>456</sup> É importante ressaltar que alguns grupos, com fortes conotações fundamentalistas, ainda se mantêm atrelados aos dogmas tradicionais, principalmente no que se refere aos usos e costumes.

relação a estes “poderes” que tão vivamente se encarnam no aqui e agora da existência – o sagrado se corporaliza.<sup>457</sup>

Três aspectos delineiam este tema:

- O corpo como campo de ação diabólica que promove doenças, pobreza, e outras privações.<sup>458</sup> “Distante de Deus o corpo é o *locus* do mal; este o destrói e submete a privações, por isso precisa ser expurgado, a fim de que o corpo desocupado seja posteriormente reocupado pelo bem”.<sup>459</sup>
- O reconhecimento do corpo como uma peça cultural relevante. Com isto é possível ver o tradicional isolamento do mundo sendo desmoronado, e a vida social do/a fiel adquirindo outro valor. Inclusive surgem grupos que inserem elementos de uma missão integral em sua ação evangelizadora.<sup>460</sup>
- O corpo como lugar da manifestação miraculosa de Deus, que ocorre como representação de prosperidade nas esferas física, mental e espiritual. É importante ressaltar que a valorização do milagre, como recurso mágico para auxiliar na construção de uma vida mais “abençoada”, já estava presente, principalmente no pentecostalismo clássico, mas o que surge neste momento é atribuição do *status* de sagrado conferido à riqueza, por exemplo. Com isto, “a redescoberta do corpo significa a aceitação de novos valores e novas funções do corpo, que lhes destinam outro lugar para além dos limites atribuídos pela visão tradicional pentecostal”.<sup>461</sup>

E mais uma alteração que a teologia da prosperidade trouxe, relacionada à ação divina, é uma mudança escatológica. Na perspectiva clássica, aliada à tradição protestante, a segunda vinda do Cristo, que significa o arrebatamento da Igreja, representará uma transformação dos corpos humanos dos fiéis em corpos glorificados, e com isso entrarão para o gozo eterno. Mas para os novos movimentos, a glória do corpo não é ansiada apenas para o futuro, mas pretendida para agora.<sup>462</sup>

---

<sup>457</sup> GUMUCIO, C.P. **A Religiosidade Urbana** – Impacto da Urbanização na Religião numa Sociedade Subdesenvolvida. **REB** 53, 1993, p. 297.

<sup>458</sup> Alguns grupos chegam ao exagero de transformar a “batalha espiritual”, quando manifesta em exorcismo, em espetáculos mirabolantes.

<sup>459</sup> SOUZA, A. **Pentecostalismo: De onde vem, para onde vai?** p. 82.

<sup>460</sup> COSTAS, O. **Qué Significa Hoy**, p. 21,22.

<sup>461</sup> SOUZA, A. op.cit., p. 89.

<sup>462</sup> O discurso do pentecostalismo clássico é deixar os prazeres da terra para ter os tesouros do céu; já no neopentecostalismo pode ser entendido como buscar os tesouros da terra para ter os prazeres do céu.

Se na visão cristã tradicional imperava o predomínio da alma sobre o corpo, o que se vê hoje é uma inversão radical que, no entanto, ainda privilegia um dualismo antropológico nocivo à plena realização do humano. Como consequência, afeta o anúncio da mensagem evangélica que, na visão de Costas, interpela o ser humano de forma integrada e integral.<sup>463</sup>

#### 4.3.1.3.

#### **A vida no Espírito no ambiente neopentecostal**

Nas origens do protestantismo latino-americano, os carismas do Espírito eram instrumentos para o crescimento da espiritualidade da Igreja e para a tarefa de evangelização. Seguindo um pouco mais adentro da história, com o advento das grandes campanhas pentecostais, as virtudes do Espírito na vida dos fiéis faziam deles um instrumento de cura e libertação; e em um estágio mais contemporâneo, a vida no Espírito tem como foco a “libertação” dos preconceitos, da pobreza, da miséria e da opressão demoníaca, causadora de distúrbios na vida das pessoas e nas suas relações sociais.<sup>464</sup> Como dito anteriormente a experiência com o Espírito passa a ser mediadora de uma série de conquistas possíveis.

A ética da experiência, presente desde as origens do pentecostalismo, se desdobra, no contexto atual, revelando uma espiritualidade que se processa no âmago da vida no mundo, sendo que agora não somente para superá-lo ou conquistá-lo, mas também para usufruí-lo.

A crença no invisível, como fruição da fé pentecostal clássica, cede lugar a uma crença motivada pelo que se vê. E para isso, a crença recebe como acessório uma extensa aparelhagem mágica, tal como: a força do pensamento e das afirmações positivas; o retorno multiplicado no que se investe no mercado religioso; o corpo perfeito, isento de enfermidades; a exclusão do diabo, fonte de toda sorte de males ao corpo; a imagem do/a fiel como indivíduo destinado ao sucesso, que tem a virtude de tornar “abençoado” tudo o que toca; os milagres

---

<sup>463</sup> COSTAS, O. **Que Significa Evangelizar Hoy**, pp. 38-39.

<sup>464</sup> Este novo momento gera uma diversificação da clientela e demanda novos modelos e *performances* por parte da liderança pentecostal. Uma boa análise destas questões pode ser encontrada em ARAUJO, S.S. **A Manipulação no Processo de Evangelização**. Belo Horizonte: LERBAN, 1997.

como bênçãos divinas que podem ser reivindicadas a qualquer instante, em favor dos crentes.

E, como dito anteriormente, a espiritualidade pós-moderna começa a admitir que os crentes não possuem apenas espírito, mas corpos. Assim, agora liberto das cadeias malignas da opressão, das cadeias morais da religiosidade institucional, o corpo passa a desempenhar um papel importante no preenchimento dos espaços que se mantinham entre os fiéis e a vida social.<sup>465</sup>

Com isso a “batalha espiritual” é mais aguda. Porém, o que muda nisto é a condição dos fiéis que cada vez mais são encorajados a abandonar uma atitude passiva e adquirir uma personalidade combativa. As igrejas locais, então, deixam de ser meros lugares de celebração e comunhão e se tornam legítimos centros de treinamento de empreendedorismo e gestão em recursos estratégicos.

Como ressalta João Batista Libanio,

O individualismo neoliberal fomenta a concorrência e competição em que vencem os mais fortes, os mais preparados e competentes. Visa ao resultado. É necessário encontrar uma religião que reforce a vitória, a prosperidade dos melhores. Recorre-se, então, à teologia da bênção de Deus para os ricos e ao castigo para os pobres, porque preguiçosos e pecadores. É uma teologia feita sob medida para alimentar as igrejas que sustentam o sistema neoliberal. Evidentemente nessa religião não cabem práticas de solidariedade, de opção pelos pobres. É uma religião tipicamente materialista.<sup>466</sup>

É possível contemplar ainda a experiência do Espírito como a presença ativa e poderosa do Cristo ressurreto e do Espírito como fonte de vida e esperança e, acima de tudo, como força para a renovação contínua do cotidiano, e para a vitória sobre os poderes malignos. A ação divina se apresenta como resposta imediata, miraculosa, ao sofrimento, a fraqueza e a toda sorte de males que afligem os fiéis que, livres dos empecilhos, podem caminhar em direção a plenitude da vida com felicidade, saúde e bem-estar.<sup>467</sup>

<sup>465</sup> Isto gerou vários desdobramentos, positivos e negativos, que por questões de limitação de espaço não serão explorados. É possível ver escândalos do tipo financeiro, sexual, político, etc, envolvendo neopentecostais, mas estes podem ser considerados exceções que confirmam a regra.

<sup>466</sup> LIBANIO, J.B. **A Religião no Início do Milênio**. São Paulo: Loyola, 2002, pp. 155,156. As afirmações de Libânio são corretas na perspectiva da religiosidade neoliberal, porém não são exatas quanto ao tema da solidariedade. A maioria das grandes denominações oriundas dos novos movimentos não investe na promoção social. Em denominações como a IURD, Internacional da Graça, Renascer em Cristo, Mundial do Poder de Deus, entre outras, as igrejas locais arrecadam os dízimos e ofertas que são enviados para a sede. E as despesas do local de culto são responsabilidade dos próprios membros da igreja. Os pastores são proibidos de dar dinheiro para quem quer que seja, e algumas igrejas não podem sequer providenciar uma cesta básica. Mas isto não significa que os adeptos, de maneira particular, não o façam.

<sup>467</sup> COSTAS, O. **Liberating News**, p. 118-119.

Mas é possível perceber o quanto o Espírito tem agido nas pessoas, e não nas estruturas, fazendo com que estas experiências sejam percebidas em uma esfera comungatória, comunitária. Daí tais virtudes não serem um apanágio particular, de um ou outro fiel, mas algo a ser transmitido a todos.

De certa forma, estes novos movimentos denunciam as insuficiências da pastoral convencional. Revelam que as igrejas tradicionais ainda se mostram incapazes de prover uma leitura adequada de seu tempo. Segundo Libânio, estes movimentos surgem “[...] compensando o enorme déficit carismático dos séculos passados, um superávit carismático sob forma messiânica, espiritualista, neopentecostal”.<sup>468</sup>

Entretanto, apesar de ser fruto de um ajustamento sociocultural as demandas que envolvem o humano pós-moderno, o que explica, de certa forma, a explosão neopentecostal, a grande problemática que envolve tal movimento é a orientação cristológica deficiente, e por isso alienante.

#### 4.3.2.

#### **O esvaziamento cristológico da religiosidade cristã contemporânea**

A questão de maior preocupação para a ação querigmática da Igreja nos dias atuais, em se tratando das novas possibilidades de fé é de origem cristológica. Podemos desenvolver esta reflexão voltando com mais intensidade a alguns questionamentos que levantamos no capítulo anterior: Neste novo momento sociocultural e religioso, qual a imagem de Cristo está sendo plasmada? E mais, o Cristo das Escrituras Sagradas tem relevância para a pastoral cristã nos dias atuais?

Fazendo referência à deturpação pelo qual passou o Cristo das Escrituras no contexto latino-americano desde a chegada da fé cristã e que continua nos dias atuais, Costas assevera:

A desconformidade da Palavra tem como corolário o que se poderia descrever como sendo a face desfigurada de Jesus. O Jesus proclamado em tantas e tantas situações no Mundo dos Dois Terços tem recebido faces que, além de serem destituídas da realidade política, econômica, racial, social e cultural do povo, o foram também do próprio testemunho dos Evangelhos do Novo Testamento. De fato, na proclamação da Igreja Jesus geralmente aparece com todas as faces

---

<sup>468</sup> LIBANIO, J. B. *As Lógicas da Cidade*: o impacto sobre a fé e sobre o impacto da fé. São Paulo: Loyola, 2002, p. 77.

imagináveis, menos uma que reflita características locais. A desfiguração de Jesus tem ocorrido tanto a nível conceitual como a níveis historicamente concretos.<sup>469</sup>

Em meio à avalanche de crenças surgidas nesse ambiente, vemos a “encarnação” de um Cristo diferenciado, fruto do que podemos chamar de uma “cristologia de autoajuda”.

Com esta derrocada na validação institucional, o referencial religioso onde se tem haurido a imagem de Cristo hoje é o da chamada “nebulosa místico esotérica”. Nela produz-se um Cristo neoliberal, globalizado, inteiramente disposto a realizar os mais sacros favores aos seus. Um Cristo que deixa de ser a verdade de Deus, para ser a verdade de cada indivíduo, pois não se trata de descobrir e de aderir a uma verdade existente fora de si, mas de experimentar – cada um por si – a sua própria verdade.

Não se vê hoje mais o Jesus de Nazaré, Cristo encarnado, que caminhou pelas ruelas da Galiléia, amando, servindo, junto aos que sofrem. O Cristo da autoajuda tem apenas uma missão na terra, oferecer aos seus “a saúde, o bem-estar, a vitalidade, a beleza”.<sup>470</sup> Como dissemos acima, é o corpo o *locus* da missão crística, o lugar da real manifestação miraculosa de Deus, e o Cristo da autoajuda o recurso mágico para auxiliar na construção de uma vida mais “abençoada”.

Isto se intensifica ao passo em que o novo juiz da realidade é o princípio do prazer.<sup>471</sup> E é esta busca pelo prazer, aliada a concepção da aquisição constante, como elemento definidor da personalidade, que inaugura a lógica do consumo, onde o sentido da vida está na aquisição, pois, afinal de contas, tudo é descartável, e tudo é passível de consumo.<sup>472</sup> E tudo isto ocorre sob a benção do novo Cristo.

---

<sup>469</sup> COSTAS, O. **Proclamando a Cristo no mundo dos dois terços**, p. 177.

<sup>470</sup> HERVIEU-LÉGER, D. **O Peregrino e o Convertido**, p.158

<sup>471</sup> O principal compromisso que o ser humano é capaz de assumir é consigo mesmo. Bauman ilustra que os compromissos do tipo “até que a morte nos separe” se transformam em contratos do tipo “enquanto durar a satisfação” (Cf. BAUMAN, Z. **O Mal estar da pós-modernidade**, p. 09). A impressão que temos é que único sentido da existência do outro (Deus, próximo e natureza) está no fato de que algo ou alguém está aí para ser explorado e espoliado, alguém que serve como objeto de prazer. Isto justifica a relação convivência/violência, por exemplo.

<sup>472</sup> Lipovetsky identifica, neste processo, outro elemento que é a vigência de uma “obsolescência acelerada dos objetos e da moda”, onde não somente os bens materiais mas também os indivíduos são incorporados no consumo. Esta reificação do indivíduo torna-o obsoleto, descartável, passível de restauração (cf. LIPOVETSKY, G. **A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Lisboa: Relógio D`água, 1983).

Se o Cristo das Escrituras Sagradas validou uma vida de amor-serviço e humildade, o novo Cristo atribui *status* de sagrado à riqueza, a autossatisfação, e ao individualismo.<sup>473</sup> E se o testemunho de Jesus de Nazaré se concretizava na validação da comunidade dos fiéis, a crença no Cristo da autoajuda, que está presente em grandes movimentos religiosos, tem como aferidor maior o indivíduo, no que se chama de “autovalidação do crer”.

E por fim, nesta sociedade do espetáculo, o Cristo da autoajuda não convida ao seguimento, não gera servos, seguidores fiéis dispostos a assumir a cruz, mas heróis espirituais, que são chamados a testemunhar as suas *performances* para “sua glória em Cristo”.<sup>474</sup>

E a cultura midiática exerce a sua “nobre” função de promover ainda mais o individualismo, pois oferece a oportunidade de satisfação pessoal permanente e fácil. Ou seja, ocorre uma personalização do indivíduo e dos bens de consumo, buscando convencer os consumidores de que é possível ser feliz simplesmente com a aquisição deste ou daquele bem, vivendo desta ou daquela forma.

Este cenário tem redundado em outra característica do individualismo pós-moderno que é o psicologismo, ou a busca por apoio em terapias e técnicas psicológicas. É o que Lipovetsky chama de consumo de consciência: “o narcisismo é uma resposta ao desafio do inconsciente instado a redescobrir-se, o “eu” precipita-se num trabalho de libertação interminável, de observação, de interpretação de si mesmo”.<sup>475</sup> E nesta esfera, o Cristo da autoajuda também realiza sua missão gloriosa.

Tudo isto surge como um grande desafio para a Cristologia nos tempos atuais. Entretanto, algumas verdades são fundamentais para um enfrentamento do Cristo da autoajuda:

1. O Cristo das Escrituras está vivo, e mesmo que as instituições percam sua validação, Ele ainda é o senhor da história.

---

<sup>473</sup> Cf. SIDER, R. **O Escândalo do Comportamento Evangélico**. Viçosa: Ultimato, 2006.

<sup>474</sup> Garcia Rubio ressalta que na pós-modernidade os indivíduos cada vez mais se reconhecem sujeitos da experiência religiosa. “Trata-se de que cada um seja um agente vital, ao invés de um receptor passivo de uma doutrina ou de um espectador de culto realizado quase exclusivamente por outro”. Cf. RÚBIO, A.G. **Elementos de antropologia teológica: Salvação cristã: salvos de quê e para quê?** Petrópolis: Vozes, 2004, p.140.

<sup>475</sup> LIPOVETSKY. G. op. cit., p.52.

2. O Cristo das Escrituras é o mesmo, e conhece a fundo o cotidiano das pessoas encravadas em seus contextos históricos, e pela presença dinâmica do Espírito oferece respostas reais e relevantes para estes homens e mulheres cada vez mais sedentos pelo mistério, sem, contudo, aliená-los de sua natureza.

Neste sentido a experiência do Espírito não é um ponto de chegada, mas de partida. Como afirma Moltmann,

O Espírito não traz uma nova religião, mas uma nova vida. Ele renova toda essa vida natural e cotidiana. Atingidos pelo Espírito da vida, toda a nossa vida pessoal torna-se uma experiência carismática. A vida nesse Espírito abrange toda a vida vivida, vivifica-a a partir de dentro, e transfigura-a. Nenhuma esfera é excluída desse processo.<sup>476</sup>

Como declara Milton Santos, a globalização “mata a noção de solidariedade, devolve o homem a condição primitiva do cada um por si e, como se voltássemos a animais da selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada”.<sup>477</sup> Por outro lado, Cristo veio para que os homens tenham vida, e a tenham em abundância (Jo 10.10).

França Miranda postula firmemente que a salvação só pode ser encontrada em Deus através de Jesus Cristo, seu Filho, sendo ofertada aos homens e mulheres pela poderosa e misteriosa ação do Espírito Santo.<sup>478</sup>

É exatamente em momentos como esse, onde corremos o risco de testemunhar uma perda de sentido existencial por parte dos seres humanos que os discípulos e discipulas de Jesus Cristo são chamados, em fidelidade a Ele, a revelarem o amor e a verdade do Deus trino que salva e liberta integralmente o ser humano.

Além disso, é preciso recuperar, em meio à “nebulosa místico esotérica” o *status* da Palavra como mensagem de sentido para a vida humana. Mais do que meramente a composição de dogmas e doutrinas eclesiais, a Palavra anunciada

---

<sup>476</sup> MOLTSMANN, J. **A fonte da vida**, p. 65. Nas palavras do documento de Aparecida, “trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo que desperte discípulos e missionários. Isso não depende tanto de grandes programas e estruturas, mas de homens e mulheres novos que encarnem essa tradição e novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu reino, protagonistas de uma nova vida na América Latina [e no mundo] que deseja reconhecer-se com a luz e a força do Espírito” (DA 11).

<sup>477</sup> SANTOS, M. **Por uma outra globalização**, p.65.

<sup>478</sup> Cf. MIRANDA, M. F. **O Cristianismo em face das religiões**. São Paulo: Loyola, 1999, pp. 96-104.

pela comunidade deve reivindicar vida, à luz do mistério da encarnação e do projeto de reino inaugurado em Jesus.<sup>479</sup>

A Palavra de Deus não somente confronta o individualismo árido, mas também auxilia no processo de autoconhecimento e autovalorização, revelando que a existência humana transcende a humanidade limitada, havendo assim a possibilidade de uma realização, superior ao bem-estar pessoal individualista, no encontro com o divino, e no encontro consigo mesmo no divino.

Neste sentido, a “Palavra se faz ação, e ser fiel à Palavra não é tê-la gravada de cor, mas vivê-la, de tal maneira que cada ato da comunidade aponte em direção total, para onde a comunidade caminha na esperança, ou seja, que cada ato seja de fato evangelizador”.<sup>480</sup>

Neste ambiente religioso eivado de pós-modernidade, a evangelização deve ser verdadeiramente trinitária, com sua base na dinâmica missionária do Pai, do Filho e do Espírito na e para a história.<sup>481</sup> Como afirma Costas,

A evangelização contextual implica testemunho em todo lugar e em todo tempo na presença da ação total do Deus triúno. A Igreja Cristã dá testemunho não de um Deus estático, mas antes de uma comunidade divina dinâmica que se faz conhecida na História como Pai, Filho e Espírito, enviando e buscando em amor, redimindo e unindo os não-amados.<sup>482</sup>

Em meio à busca intensa de experiências variadas de sentido, a evangelização sinaliza a experiência de Deus como a mais radical experiência, que não se dá por meio de um mosaico de várias outras e que transcende as fronteiras da parcialidade dos sentidos e atinge os homens e mulheres em sua inteireza, gerando abundância de vida.

E uma prova concreta da assimilação desta vida abundante que brota do amor trinitário é o acolhimento do Espírito de Cristo que nos convida a concretizar em nossa vida o dinamismo de seu amor. E isto não se dá de outra maneira a não ser pelo seguimento real de Jesus, pois esta é a única forma que temos para conhecê-lo de fato.

---

<sup>479</sup> Cf. ROCHA, A.R. **Espírito Santo**. Aspectos de uma Pneumatologia Solidária à Condição Humana. São Paulo: Vida, 2008.

<sup>480</sup> SARACCO, N. O Espírito e a Palavra na Comunidade Evangelizadora in **CLADE II - O presente, o futuro e a esperança cristã**, p. 38.

<sup>481</sup> Cf. COSTAS, O. **Christian Mission in the Americas**, p. 26.

<sup>482</sup> COSTAS, O. **Liberating News**, pp. 83-84: “Contextual evangelization implies witnessing and t all times in the presence of the total activity of the triune God. The Christian church bears witness not to a static God but rather to a dynamic divine community that makes itself known in history as Father, Son, and Spirit, sending and seeking in love, redeeming and uniting the unloved”.

Além disso, um ambiente religioso que anseia por liberdade e poder do Espírito reclama o discernimento do próprio Espírito. E esta ação que nos capacita a interpretar a verdade de Jesus Cristo não é uma atividade essencialmente racional, mas, segundo o Novo Testamento, um dom do próprio Espírito.<sup>483</sup>

O Espírito Santo é o Espírito Criador de Deus que gera vida, e que age pela sua proteção e manutenção. Assim, quando a liberdade e o poder do Espírito são invocados em circunstâncias que conspirem contra a vida, que alienem o ser humano de sua essência vital de liberdade e amor, que oprimam e confundam as pessoas, então temos razões para duvidar que este seja o Espírito Santo de Deus. “Quando se utiliza o poder divino como instrumento para auto-engrandecer-se e dominar ou explorar por ganho econômico, a fidelidade ao evangelho nos obriga a duvidar da legitimidade desses dons.”<sup>484</sup>

Neste sentido, quando anuncia a graça libertadora de Deus, ou quando denuncia às práticas alienantes, egoístas e opressoras em nome deste Deus a Igreja está cumprindo a sua tarefa evangelizadora.

Neste espaço de resignificações, a tarefa evangelizadora deve reencontrar seu espaço e sua validação como mensagem de sentido para os que ainda não fizeram a experiência de Deus. Por isso, a partir de um olhar para o humano em perspectiva holística, deve focalizar-se na experiência salvífica como uma experiência libertadora que reconfigura as relações do ser humano com Deus, consigo mesmo, com a sociedade e com o mundo criado.

No capítulo seguinte, destacaremos alguns aspectos que se tornam desafiadores para o anúncio desta experiência libertadora. Do ponto de vista institucional, o ecumenismo como superação das barreiras inter-eclesiais; na perspectiva da contextualização da mensagem do evangelho, a inculturação da fé como possibilidade de vivência desta nos variados contextos que se impõem sobre a tarefa evangelizadora, mas também como reafirmação da universalidade da

---

<sup>483</sup> Segundo Moltmann, “a fé muitas vezes é entendida apenas como uma concordância formal com a doutrina da Igreja ou com a participação na fé da Igreja, em determinadas ocasiões até mesmo como ‘obediência cega’ em relação aos mandamentos divinos. Mas, a fé libertadora é uma fé que nos envolve pessoalmente. A verdade que me faz livre é a verdade com a qual eu concordo porque eu mesmo compreendo, não porque isso seja forçado por tradição ou por hábito. A fé pessoal é o início da liberdade que renova inteiramente a vida e que, como nos diz o Evangelho de João, ‘vence o mundo’ (Jo 16,33). Esta fé é uma libertação do medo para a confiança, o renascer para uma esperança viva, o amor incondicional a vida. É para liberdade que Cristo nos libertou”. Cf. MOLTSMANN, J. **O Espírito da vida**, p.115.

<sup>484</sup> BONINO, J. **Rostos do Protestantismo Latino-americano**, p. 114.

mensagem da Igreja, e do ponto de vista missional, no desenvolvimento de uma práxis libertadora integral como o caminho para um encontro da mensagem salvífica com o ser humano pleno, integrado. Eis a nossa próxima caminhada.